



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MEMÓRIAS DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO
OU DE COMO VIDAS FAZEM HISTÓRIA**

KARINA DOS SANTOS SILVA

**CAJAZEIRAS - PB
2016**

KARINA DOS SANTOS SILVA

**MEMÓRIAS DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO
OU DE COMO VIDAS FAZEM HISTÓRIA**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora

Profa. Dra. Mariana Moreira Neto

CAJAZEIRAS - PB

2016

S586m Silva, Karina dos Santos.

Memórias do assentamento Santo Antônio ou de como vidas fazem história / Karina dos Santos Silva. - Cajazeiras, 2016.

68p.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Moreira Neto.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.


Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

KARINA DOS SANTOS SILVA

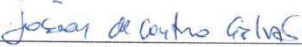
**MEMÓRIAS DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO
OU DE COMO VIDAS FAZEM HISTÓRIA**

APROVADA EM: 17 / 10 / 2016


COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Mariana Moreira Neto (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP



Prof. Dr. Josias de Castro Galvão
Universidade Federal de Campina Grande - CFP



Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Profa. Dra. Maria Lucinete Fortunato (suplente)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

CAJAZEIRAS - PB

2016

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia. Dedico também à minha família e a todos os assentados do Assentamento Santo Antônio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que permitiu que ao longo de minha vida tivesse a oportunidade de tornar-me uma acadêmica, com anos de dedicação e sofrimentos, mas alcançando o final com satisfação.

Ao meu esposo, que durante esses anos foi meu companheiro diário nas idas e vindas da Universidade, suportou as horas de ausência, e ainda colaborou cuidando de nossa filha Sophia, o meu muito obrigado pela paciência, por compreender o stress final. Obrigado por vocês tornarem meus dias mais felizes.

À minha família, que nunca deixou de acreditar que esse sonho seria possível. Minha mãe, Francineide, uma mulher guerreira, trabalhadora, que se tornou exemplo, obrigada pelo tempo que assumiu o papel de vó ficando com minha filha para que eu pudesse estudar. Ao meu pai, Chico, que foi o maior incentivador nesse projeto e inspiração como assentado, não mediu esforços para me acompanhar durante a coleta de dados e as entrevistas. À minha irmã, Kamilla, obrigada pela torcida.

Aos meus tios, tias, primos, meus avós (*in memoriam*), para vocês eu dedico esse trabalho.

Às minhas queridas amigas Alexandra, Renata, Thaíze, Katiane. Agradeço pela ajuda dedicada, as leituras e incentivos, vocês são um tesouro que levarei da universidade para a vida, obrigada pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com o apoio de vocês a escrita se tornou mais leve.

À minha prima Fernanda, que abriu mão de seu tempo para colaborar nesses momentos finais, sua ajuda foi de extrema importância. Saiba que tenho imenso carinho por você e só lhe desejo coisas boas, muito obrigado por tudo.

À minha orientadora, Mariana Moreira Neto, por ter aceitado o meu convite, pelas orientações, pelos ensinamentos adquiridos a cada encontro, pelos momentos de medo e incertezas que se faziam constantes em nossos encontros, mas sempre superados pela doçura e paciência da poderosa, o meu muito obrigado por tudo.

Aos meus entrevistados, que mesmo sendo pessoas conhecidas, tiveram seus anseios superados e colaboraram com este trabalho. Sem eles nada seria possível: Lúcia Cartaxo, Graciana (Graça), Socorro, Chagas, Nilbertson.

Às pessoas que são responsáveis por cuidar e armazenar os documentos na CPT.
O meu obrigado a Cecilia e a Socorro Ferreira.

Às outras pessoas que contribuíram e torceram para que esse trabalho desse certo e fizeram todo esforço valer a pena, o meu muito obrigado a vocês.

RESUMO

O presente estudo objetiva entender o processo de criação do Assentamento Santo Antônio a partir da implantação da reforma agrária no ano de 1996. O assentamento, com 32 famílias assentadas, se encontra no município de Cajazeiras, na Paraíba. O objetivo da pesquisa é compreender a realidade histórica das pessoas através da memória dos assentados em relação à vivência e à realidade presente no assentamento. Para tanto, trabalha-se com memória, segundo autores como Silva, Le Goff, entre outros, mostrando o assentamento com padrões distintos, não um lugar comum, mas um espaço histórico constituído por indivíduos em formação de acordo com o lugar projetado a partir de suas relações espaciais. Sujeitos históricos que procuram ressignificar suas identidades de assentados na multiplicidade de cenários justificados por autores como Albuquerque Júnior, Mittidiero Junior, Oliveira. Lugares e sujeitos não previamente definidos, mas moldados por esse processo, vistos em formação contínua, que anseiam por melhorias, mas que também vão à luta dentro das suas limitações.

Palavras-chave: Memória. História. Assentamento.

ABSTRACT

This study aims to understand the process of creation of the settlement Santo Antônio, from the implementation of agrarian reform in 1996. The settlement with 32 families settled is in the city of Cajazeiras, Paraíba, Brazil. The objective of the research is to understand the historical reality of the people through the memory of the settlers in relation to the experience and the reality on the settlement. Therefore, works with memory, according to authors like Silva, Le Goff, among others, showing the settlement with distinct patterns, not commonplace, but a historical space consisting of individuals formed according to the place designed from their spatial relations. Historical subjects seeking to reframe their identity seated in the multitude of scenarios, justified by authors, such as Albuquerque Junior, Mittidiero Junior, Oliveira. Places and persons not previously defined, but shaped by this process, seen in continuum formation, who yearn for improvements, but also go to fight even with its limitations.

Keywords:Memory. History. Settlement.

LISTRA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ATES	Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária
CPT	Comissão Pastoral da Terra
FAPISA	Fazenda Pires Agropastoril e Reflorestamento
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
SIPRA	Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária
CAAASP	Central das Associações dos Assentamentos do Alto Sertão Paraibano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - GÊNESE: UMA HISTÓRIA SOBRE A CRIAÇÃO DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO.....	16
1.1 A chegada da CPT e do INCRA no Assentamento Santo Antônio	18
CAPÍTULO II -MEMÓRIAS DE UMA LUTA: RESGATANDO O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DOS ASSENTADOS DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO.....	24
2.1 O Assentamento Santo Antônio: entre memórias individuais e coletivas	24
2.2 Entre apreços e desenganos: uma história sobre as lutas, derrotas e conquistas dos moradores do Assentamento Santo Antônio.....	39
CAPÍTULO III - TROCA DE EXPERIÊNCIAS: DIALOGANDO COM AS MEMÓRIAS DOS ASSENTADOS	34
3.1 Histórias da fazenda ao assentamento: um olhar revelador, memória de uma filha de assentado	34
3.2 Entre o ontem e o hoje: dialogando com memórias.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

Em 1996, quando a Fazenda Santo Antônio deu lugar ao assentamento, localizado no município de Cajazeiras na BR 230, eu tinha 5 anos. Apesar da pouca idade, tenho *flashes* de memórias de como foi importante para mim e minha família fazer parte daquele momento. Em especial, lembro-me de como tudo mudou. Primeiro o espaço da casa. Ganhamos um novo lar, saímos de perto do açude e fomos para o início do assentamento. Ainda havia poucas casas. A lembrança mais viva na minha memória era a casinha amarela dos meus avós. Era a primeira casa na chegada da Agrovila I¹. Minha avó, alegre, recebia cada um que vinha fazer parte do assentamento.

Depois houve outras mudanças. Fazia parte do início do assentamento reformar as casas para que todas fossem iguais, como uma vila. Nesse período, ficamos em barracas de lona e alojamentos improvisados em uma escola desativada que ficava ao lado da minha casa.

A criança brincava e se divertia ao ver a fazenda se transformar. Meu pai passou de vaqueiro da fazenda a dono de um pedaço dela. “Ai que legal!”, eu pensava. A vivência no assentamento nos trazia um ar de calma. Chegavam os projetos, as oficinas, a empolgação tomava conta e transformava a vida de todos. Diante desse contexto, me pergunto: o que o assentamento nos ensina? A melhor resposta seria: viver em comunidade. Saber que ali são todos iguais e que ninguém assume um cargo superior ao outro, possui os mesmos direitos e deveres, discute tudo em reunião e são unidos quando é preciso.

O relato acima faz partes de minhas memórias enquanto filha e neta de assentados. Memórias que motivaram e instigaram a realização dessa pesquisa, desenvolvida com o objetivo de apresentar um ensaio de iniciação à pesquisa como estágio necessário para a conclusão do curso. Outro elemento determinante na realização desta pesquisa foi a satisfação da necessidade de uma historiadora em conhecer a história do lugar que marcou sua vida, chamado de “seu lugar”.

Para tal apresentamos a problemática Como os assentados do assentamento Santo Antônio, se enxergam ou passaram a se enxergar enquanto sujeitos no processo de formação?

¹ Na constituição do Assentamento Santo Antônio os assentados foram distribuídos em duas agrovilas.

Com os seguintes objetivos, entender o processo de criação do Assentamento Santo Antônio no momento de implantação da reforma agrária e como os assentados se veem dentro desse processo, refletir a partir das memórias dos assentados de como se vive em um assentamento e compreender a realidade de um projeto de assentamento a partir de sua criação.

Morar em assentamento, como revelado no percurso da pesquisa, se apresenta num misto de orgulho e tensão. Situam-se, num mesmo plano, sentimentos de mudança, saudade e incertezas. Sentimentos que personifico em meu pai, figura essa que escolhi para representar todos os outros como símbolo de mudança proporcionada pela implantação da reforma agrária.

Meu pai trabalhava como vaqueiro na Fazenda Santo Antônio e seria um dos que sairiam dali com a hipoteca da fazenda. Teve sua vida transformada pelos incentivos do governo. Agricultores, assim como meu pai, ganharam não só um pedaço de terra para trabalhar e produzir, mas garantiram a dignidade para trabalhar e criar seus filhos nessa terra.

Deixar de ser empregado e passar a ser dono. Contradições que, no entanto, não abafam o orgulho da obra de uma vida, traduzida na expressão “tenho imenso orgulho em dizer que sou e moro em assentamentos de reforma agrária”. E, ao mesmo tempo, quebrar “tabus”, de se referir aos assentados como “sem terras”. Na verdade, são pessoas que buscam por seus direitos e por um lugar para que possam se estabelecer. São gentes com terras, sim. Essa é a expressão que melhor sistematiza a ideia a partir da implantação da reforma agrária. As pessoas antes consideradas sem terras agora se apresentam não mais como moradores, mas sim como gente de posse da terra.

Ao longo desse trabalho fui redescobrimo um espaço que, ao mesmo tempo conhecido, apresentou lugares novos, pensamentos de pessoas que tiveram suas vidas transformadas e a possibilidade não só de ter um pedaço de terra, mas orgulhosos de terem aprendido, com o assentamento, conhecimentos proporcionados pelos projetos oferecidos pelo INCRA assim como terem se redescoberto em produções locais, como novos cultivos na terra.

A pesquisa foi motivada e realizada por um desejo pessoal, de não passar nessa vida em vão e sim ter a oportunidade de registrar na história o espaço que marcou não só a minha infância, mas também a minha vida.

Para fundamentar a pesquisa, utilizamos como fonte a memória de alguns assentados. Esses foram escolhidos por se destacarem de alguma forma nesse processo de luta pela terra e luta por dignidade, configurada por eles como autonomia. Pautamos em estudiosos de memória, como Jaques Le Goff (1988), que considera a memória como propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

A utilização das memórias teve como suporte metodológico a história oral, entendida por Freitas (2006, p.18), como “um método de pesquisa que utiliza a entrevista como uma técnica e por meio dela se produz conhecimento produzido em grupos de pessoas sobre um determinado assunto, podendo assim obter diversas informações”. A autora fala também que com a história oral, utilizando a técnica da entrevista, é possível realizar várias interpretações sobre o mesmo documento, do mesmo modo que é feito com o documento escrito. As entrevistas, sistematizando as memórias dos assentados, foi um subsídio interessante na construção do trabalho que se debruça sobre questões atuais.

Nesse sentido, e tentando enriquecer o trabalho, as entrevistas foram realizadas em forma de depoimentos livres, com os assentados narrando suas histórias de vida, suas percepções dentro do movimento de constituição do assentamento. Para tanto, antes da realização das entrevistas, foram esclarecidos os objetivos e desdobramentos do trabalho para construção de uma identidade de grupo. Identidade não só constituída por pertencer a um grupo de assentados, mas por participar de interações que trazem a marca da diversidade e da multiplicidade. Enfim, identidades de pessoas que estão diretamente ligadas no dia-a-dia, não correspondendo somente àqueles assentados que se beneficiaram de um programa, mas construíram história. E assim, se deu a análise das fontes.

Dividimos este trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos um pouco da história da Fazenda Santo Antônio, que deu lugar ao assentamento. Este manteve o nome do santo padroeiro do lugar, e ao ter o apoio de órgãos como INCRA e CPT-SERTÃO, deu início ao processo de desapropriação e instaurou o projeto de reforma agrária.

No segundo capítulo, apresentamos o assentamento como um lugar memorialístico. A partir das memórias dos assentados é traçado um mosaico que revela como estes se enxergam e os aspectos positivos e negativos de se viver em um assentamento. Apresenta-se a memória como algo coletivo e como documento histórico, perpassado de posições e lugares sociais, políticos, culturais.

No terceiro capítulo, dialogamos com a memória de quem viveu e presenciou a transição de fazenda a assentamento, assim como essa memória coletiva apresentada nas falas conseguem expressar, em palavras, o que para eles o assentamento trouxe além de um sentimento de pertencimento. Ou seja, um lugar de história.

CAPÍTULO I

GÊNESE: UMA HISTÓRIA SOBRE A CRIAÇÃO DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO

Antes de ser Assentamento Santo Antônio², as terras constituíam uma fazenda chamada Fazenda Santo Antônio, pertencente à empresa Fazendas Pires Agropastoril e Reflorestamento Ltda. (FAPISA), da família Galdino Pires, fundadora no início do século XX. Esta propriedade produzia muito algodão e rapadura. Também era dedicada a criação de gado. Além dessa, a família era proprietária de outras fazendas na região.

Segundo o relato dos nossos entrevistados, o filho do Major³ Galdino Pires, Gineto Pires, manteve o funcionamento da fazenda. Também tinha uma unidade de processamento de algodão na cidade de Cajazeiras. Quando morreu este filho, os netos assumiram o controle da empresa. Eles estudaram e se formaram no Rio de Janeiro, e ao que parece, não tinham o mesmo interesse nos negócios das fazendas.

Mais ou menos na mesma época destas mudanças, metade dos anos 80, apareceu a praga do bicudo. A este problema somou-se o desinteresse e a má gestão, que levaram a FAPISA à falência. Assim, a Fazenda Santo Antônio, como toda a empresa, estava endividada e praticamente não produzia nada. Depois de ter tido 42 moradores nos anos 70, em meados dos anos 90 sobravam somente 27 famílias de moradores. Estes já não produziam algodão, sobrevivendo, à duras penas, de roçados de milho e feijão.

As lembranças sobre o tempo dos patrões não é homogênea entre os assentados. Por exemplo, segundo depoimentos de assentados, os moradores não podiam criar. O acesso à água era difícil: em casa eles tinham apenas a água de beber e cozinhar, transportada com muito esforço. Outros assentados, em depoimentos prestados a Comissão Pastoral da Terra (CPT-Sertão)⁴, relatam que o antigo administrador, no tempo do Major, era tipo um capataz, mas que aos moradores era permitido criar até vários animais e que o patrão até levava os animais dos moradores para outras fazendas,

² Cf. Relatório de Campo produzido pela Comissão Pastoral da Terra (CPT-Sertão).

³ Vale ressaltar que se tratava de título comprado, prática usual em determinado momento da história do país, e que era utilizado como artefato político para dar relevância ao seu titular o destacando social, político e economicamente junto a sociedade da época

⁴ Cf. CPT-Sertão, Relatório de Campo: a história do Assentamento Santo Antônio.

quando faltava pasto em Santo Antônio. Além disso, não faltava terra nem dinheiro para trabalhar plantando algodão. Segundo eles, mesmo nos anos de seca não tinha problema já que ele “arranjava serviço” pra todo mundo, cortando lenha, consertando cerca etc. Depois dos elogios ao passado, os assentados admitem que, nos anos 90, os “bons tempos” tinham acabado. Tinha acabado o algodão. Os netos criados no Rio de Janeiro pouco se importavam com a Fazenda.

O processo de desapropriação teve início em 1996. A Fazenda estava praticamente abandonada. O gerente mandava e desmandava. Fala-se, inclusive, que colocava os moradores para trabalhar para ele, fazendo crer que era no roçado dos patrões. Foi o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cajazeiras (STR) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT-Sertão) que, informados da situação da Fazenda, foram atrás do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para iniciar o processo de desapropriação. Segundo Lúcia Dantas Cartaxo, que foi presidente da associação dos assentados, os antigos proprietários ficaram felizes com a desapropriação, pois, assim, tudo se resolveria. Não teriam que indenizar nenhum morador, que ficariam na terra. Não houve acampamento. O fato de ter moradores antigos, que tinham que ser beneficiados, explica porque este assentamento tem mais gente idosa, que é comum em outros assentamentos. O fato corresponde à idade média em levantamento feito pelo INCRA, pois alguns já ultrapassavam a idade máxima para dar acesso a terra, por isso alguns ficaram como dependentes, outros como assentados.

A desapropriação aconteceu em julho de 1997. A emissão de posse em outubro e a criação do Projeto de Assentamento (P.A) em dezembro do mesmo ano.

A Fazenda contava com 670 hectares. Foram assentadas 32 famílias: as 27 que já moravam e mais 5 dos antigos moradores que ao longo do tempo foram morar na cidade ou trabalhar em outras terras, e com a desapropriação, voltaram em busca de moradia. Atualmente existem no assentamento 39 casas habitadas, contando com alguns filhos “agregados”. Os lotes ficaram pequenos: medem entre 9 e 12 hectares.

1.1. A chegada da CPT e do INCRA no Assentamento Santo Antônio

Em meio às transformações ocorridas na forma como as pessoas viviam e se organizavam, foi chegado o momento de, em primeiro lugar, transformar uma simples associação comunitária rural em algo mais sério. Tendo o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Cajazeiras e de outras instituições, se começou a instituir o assentamento, como é narrado na ata de fundação:

Datava-se do dia 3 de novembro do ano de 1996 às 10 horas da manhã na Escola Municipal de 1º Grau Dr. Paulo Pires Ferreira onde reunidos o presidente da associação, os moradores associados, juntamente com o resto da diretoria chegou ao conhecimento de todos a notícia da visita dos técnicos do INCRA no intuito de levantar os dados técnicos de todos aqueles que ali moravam e sobre as criações e as medições nas áreas correspondentes aos limites da fazenda, para isso seguindo um protocolo, ficou claro o cadastramento realizado daqueles que teriam acesso a terra sendo apenas os moradores que já residiam e não todos os associados da associação pois teriam que obedecer as regras estipuladas pelo cadastro nacional de reforma agrária e os lotes seriam divididos segundo o INCRA (ATA DE FUNDAÇÃO, 1996).

Após todo processo de constituição e organização do assentamento, começaram a surgir pessoas da comunidade em apoio ao trabalho. Foi formada a primeira diretoria e, no início, se destacaram o casal Paulo Renato e Lúcia Cartaxo pela presença em toda a formação e constituição do assentamento, da criação do Estatuto à organização religiosa, enfim. Por isso, se justifica muitas vezes nesse trabalho a fala de Lúcia Cartaxo narrando muitos dos episódios e lutas enfrentadas durante esse processo. Como esse momento em que ela fala o que ficou na memória do início das lutas:

Não houve uma luta travada para a conquista da terra porque a fazenda estava hipotecada junto ao banco. Então toda a terra ficou para o Banco do Brasil. O proprietário ofereceu essa propriedade a várias pessoas, mas ninguém queria devido a grande quantidade de moradores que tinha e a quantidade de tempo que cada morador residia. Se fosse pagar aos moradores, indenizar os moradores, o dinheiro da terra não dava pra cobrir nada. Então como estava hipotecada a CPT procurou o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, juntas, as duas instituições procuraram o INCRA que veio, fez a avaliação da terra, que estava improdutiva. Como estava hipotecada, então a desapropriação avançou mais rápida (Relato de Lúcia Cartaxo em entrevista a nós concedida).

Durante as entrevistas, escutou-se muito sobre o trabalho da CPT em efetivar e concretizar uma luta. A fala de Lúcia e, posteriormente, a de Graça, marcam e enfatizam a participação direta da CPT-Sertão junto ao INCRA para firmar o assentamento, como narrado na ata:

O presidente Paulo Renato diz que foi convidado a participar de uma reunião na CPT no intuito de discutir junto com outros representantes de outras associações projetos para o assentamento assim como ir com a CPT a João Pessoa para cobrar o que é de direito de todos junto ao INCRA-PB.

De acordo com o que diz Mitidiero Junior (2011), a CPT na Paraíba atua de forma diferente do resto do país, pois as outras atuam de forma a prestar o apoio religioso e não encorajando os camponeses, enquanto que por aqui a instituição propõe a formação da luta pela terra, atuando diretamente. Nessa perspectiva, o autor mostra que a CPT, no Estado da Paraíba, atua de forma a enfrentar e organizar os grupos em busca dos direitos pela terra, acrescentando que a Igreja passa a atuar:

[...] influenciada e condicionada pela Teologia da Libertação— na organização de ações de caráter contestatório e transformador das condições sociais que caracterizam o homem do campo. Nessa análise, destaca-se a atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e, em específico, as ações desenvolvidas pelas secretarias da CPT localizadas no Estado da Paraíba. Esta opção justifica-se pelas particularidades da organização, das estratégias e das ações desenvolvidas por essa pastoral nesse Estado. [...] a CPT do Estado da Paraíba atua radicalmente na defesa e na organização das lutas dos camponeses. Ela não aparece como mediadora dos conflitos; ela está inserida e, muitas vezes, propõe a formação das lutas (MITIDIERO JUNIOR, 2011, p. 22).

A CPT marcou a vida dos assentados que participaram do movimento. Pessoas com vida simples como Lúcia Cartaxo, Paulo Renato, Graça, Edval, seu Zé Correia, Sales e tantos outros que entraram na luta junto, se engajaram e assim se fizeram mais atuantes no tocante à memória viva das pessoas, e o apoio do órgão demonstra como foi importante, ou melhor, fizeram essas pessoas sentirem-se importantes, como de fato foram. Esse momento é ressaltado na fala de Graça, que esteve presente em todo o processo de implantação do assentamento:

Pessoas juntas. Nós merendava, almoçava, jantava, dormia, tomava banho. Você se sente em casa. Ainda hoje, pode achar ruim quem quiser, quando eu piso o pé na CPT é o que pra mim é a associação dos assentamentos. Porque a CAAASP ela é realmente. Eu me sinto em casa. De fato, é a casa dos assentamentos mesmo, de verdade. É a CPT, a CAAASP, a associação dos assentamentos. Ela foi criada pra ter voz. Tem associação em cada assentamento. Cada um tem sua associação. Mas cada associação pra resolver os problemas vai pra CAAASP porque lá é o pivô das associações. O que não pode resolver aqui, a CAAASP procura resolver. Mas na época que isso aqui virou assentamento tudo quem respondia era a CPT. Quando foi criada a central dos assentamentos que chama CAAASP porque tinha que ter uma base dos assentamentos, porque são muitos assentamentos (Relato de Graça em entrevista a nós concedida).

Para Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2013), acampamentos e assentamentos são novas formas de luta de quem já lutou ou de quem resolveu lutar pelo direito à terra livre e ao trabalho liberto. Como o autor coloca, os assentados passam a ter um orgulho em fazer parte desse movimento de luta que vai além da luta pela terra em si, passando pelas histórias de vida.

Ficou comprovado durante todo o processo um apoio muito grande de instituições como a CPT, atuando diretamente e correndo atrás de projetos e melhorias para a comunidade. Lutando junto aos moradores, fazendo com que, até hoje, construído e idealizado o assentamento, registrem-se demonstrações de não ser um local isolado e livre das influências dessas instituições. Muito de tudo que se faz dentro de um assentamento passa primeiro pelo crivo desses órgãos.

A chegada da CPT, com toda infraestrutura, e, posteriormente, a CAAASP, acaba por indicar que, em todos os momentos da luta pela terra, eram feitos acompanhamentos pelos órgãos competentes, como as visitas da assistência técnica, através do programa de Assistência Técnica, Social e Ambiental a Reforma Agrária (ATES), mostrando que em nenhum momento o assentamento estava só. A fala de Nilbertson Bezerra deixa claro:

A questão da assistência técnica dos assentamentos foi uma maravilha, isso foi 100 por cento de maravilhoso porque as famílias são acompanhadas anualmente, todos os dias ela recebe a presença de profissionais de todas as áreas, de todas as profissões, onde assistência técnica pelo técnico agrícola, engenheiro agrônomo, pela assistente social, engenheiro florestal, veterinário, ela está sempre assistida de alguma forma. Isso faz com que as famílias como, é que diz, se sintam mais no seu habitat porque elas estão sendo assistidas, estão orientadas pra trabalhar pra criar os animais, isso tem efeito

maravilhoso na nossa comunidade, dias melhores virão... (Relato de Nilbertson Bezerra em entrevista a nós concedida).

A presença da ATES no assentamento tem implicações. Uma presença que nada mais é que a presença e o controle do Estado, não só expressando a dimensão do trabalho desenvolvido pelos beneficiários, mas abrindo espaços para pensar o assentamento. Uma situação que expressa contradições e tensões, considerando que os assentados, nem sempre, entendem os papéis desenvolvidos pelas instituições e acabam, muitas vezes, manifestando essa situação ao afirmar: “Os técnicos nunca mais vieram e nós nem conhece técnicos, como agrônomos...”.

A desinformação que abre brechas para as tensões caracteriza uma situação de descompasso e de posições distintas. Assim, nem todos os assentamentos tem a mesma compreensão do processo e suas elaborações vão sendo marcadas e reveladoras de um capital simbólico que, como defende Bourdieu⁵, se estabelece quando as pessoas, inseridas em um mesmo espaço, compartilhando as mesmas coisas, mas se destacam de formas distintas em função do envolvimento com entidades, com informações políticas, com vivências próprias. Nilbertson Bezerra, por conhecer e participar de várias ações e atividades patrocinadas pela CPT, pela CAAASP, pelo INCRA e por outras entidades, traz outra forma de explicar a presença e a atuação da ATES como um programa de natureza técnica e política e que está presente no assentamento, que “possui assistência técnica durante todo o ano, sem interrupção, com visita dos técnicos responsáveis, operações da CAAASP e CPT”.

Fica demonstrado que alguns assentados, embora façam parte do sistema, acabam por desconhecer, na sua origem, o que ele imprime, trazendo mais uma vez a ideia de um espaço em construção onde as necessidades nascem e as respostas são trazidas pelos superiores, e como essas situações são elaboradas e vivenciadas por cada um de forma distinta. A presença da CAAASP, com seus técnicos, como espaço de intermediação entre assentamento e INCRA, além de ser uma forma do órgão se mostrar presente no assentamento, também infere elaborações distintas para cada um.

Nesse sentido, outros assentados, diferentemente de Nilbertson Bezerra, formulam e fazem suas próprias conclusões acerca do espaço que os define enquanto

⁵O capital simbólico (o que vulgarmente chamamos prestígio e/ou honra), a posição de privilégio ou não-privilégio ocupada por um grupo ou indivíduo é definida de acordo com o volume e a composição de um ou mais capitais adquiridos e ou incorporados ao longo de suas trajetórias sociais. Cf. SETTON, 2010.

assentados e do espaço que, efetivamente, marca a participação de cada um na produção do assentamento como lugar de experiências e de vivências históricas. Uma situação que, de acordo com Alencar (1998), nasce na necessidade de se manter a presença de cada um no controlado espaço e de como o Estado acaba por interferir e impedir que os assentamentos tenham realmente autonomia para se manterem sozinhos e serem capazes de gerir e garantir sua independência.

Porém, os assentados ainda não realizam uma gestão do território, pois estes ainda não são os detentores do poder nos assentamentos. Os assentados, hoje, têm um poder simbólico, de aparência, porque, na prática, tudo passa pelo crivo do Estado, pela mediação do Estado; quem decide, em última instância, quem dá a última palavra é o Estado. Isso passa, inclusive, pelo título da terra, porque com a titulação, alguns arames farpados da sujeição seriam cortados, e seria iniciada a “destruição” do Estado aliciador. Isso porque somente quando os assentados tiverem o poder de decidir quem manda e como manda, com o título na mão do espaço rural assentamento, aí ocorrerá uma gestão do território (ALENCAR, 1998, p. 171.)

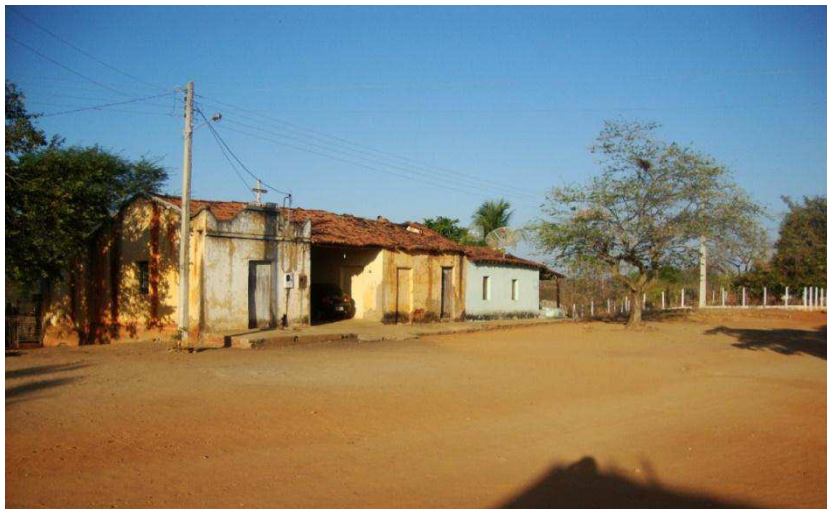
Alencar (1998) nos põe a par de como o Estado se mantém presente nos assentamentos rurais, demonstrando que, apesar das grandes transformações ocorridas naquele espaço do tempo de Fazenda, revela uma nova posição daqueles que antes se colocavam como moradores e passaram a se compreender como sujeitos responsáveis e constituintes de uma história, essa nova forma de se enxergar não exclui, e sim agrega valores trazidos pela mudança de vida.

FIGURA 1: a organização do espaço – a agrovila, próxima à antiga casa grande da fazenda



Fonte: registrado pela autora do trabalho.

FIGURA 2: algumas casas antigas foram conservadas, assim como a antiga capela da fazenda



Fonte: registrado pela autora do trabalho.

Diante das transformações, percebe-se um lugar em formação contínua, presente nas lembranças dos assentados, onde a memória acaba por revelar que os conflitos não sumiram ao se tornar assentamento, como veremos no capítulo seguinte, mas as pessoas tendem a se adaptar e a conviver com esses problemas, reinventando-se e redescobrimdo valores antes não enxergados.

CAPÍTULO II

MEMÓRIAS DE UMA LUTA: RESGATANDO O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DOS ASSENTADOS DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO

2.1. O Assentamento Santo Antônio: entre memórias individuais e coletivas

Neste capítulo, a análise prende-se às memórias das pessoas que, ao relembrar o passado, acabam por reviver esse momento e sobre ele reelaboram uma compreensão e uma posição de mundo e de sujeito. Segundo Silva (2004, p.31),

[...] memória que não é apenas um relato dolorido de perdas e violências sofridas em um passado que não volta mais. Ao contrário. O passado revive ao ser lembrado, é como se o morto ganhasse vida. Mais ainda. Nenhum projeto presente pode ser elaborado sem o conhecimento do passado, é a brilhante definição de história de Walter Benjamin.

A partir dessa definição compreende-se que a memória faz com que as pessoas acabem por reproduzir momentos que, por inúmeras e distintas razões, ficaram impressos na biografia dos sujeitos. A análise das entrevistas transparece a percepção das pessoas que, ao adotar um discurso, reproduzem sempre o coletivo e não o individual. Não é a memória de cada um, mas de um grupo, que, na composição formada em relação ao início da vida do assentamento, assume a configuração de coletiva. Como diz Silva (2004, p. 94), “as lembranças captadas pela memória refletem imagens que se sobrepõem umas às outras, imprimindo à narrativa uma descrição carregada de significados, uma descrição densa”.

Ao longo do trabalho, as repetições dos discursos sobre a criação do assentamento, os relatos da vida na antiga fazenda, as falas de Lúcia, de Nilbertson, o relatório de campo da CPT, apontam para um quadro de memórias e de histórias distintas e, simultaneamente, complementares. A história, repetida, se reestrutura entre as linhas, desmontando a ideia e reconstruindo o imaginário quando pessoas, na

tentativa de desmistificar ou redefinir o assentamento, fazem uso de suas palavras, lembranças, posições, sentimentos.

O contato inicial com as memórias dos assentados entrevistados transparece a impressão de uma perfeição reinante no assentamento. A análise dos discursos, principalmente daqueles que incorporam a postura de protagonistas do movimento, são mesclados por críticas, mostrando que a memória é reveladora de como se transmite uma imagem e ao mesmo tempo desconstrói uma representação da realidade.

Eu sou coordenador do assentamento hoje. Na função de coordenação pra mim foi um grande desafio. Não foi fácil. Meu pai já foi coordenador do assentamento e ele sempre falava pra mim: *Nilbertson, você vai enfrentar uma grande dificuldade porque não é fácil assim lidar com tantas cabeças diferentes e pensamentos diferentes, porque a gente trabalha o coletivo*. Nós temos todo o segundo sábado do mês a reunião onde junta todos os associados na reunião e assentados e filhos de assentados. Tudo que acontece dentro do assentamento, seja pra beneficiar ou tomar alguma decisão, é em coletivo, todo mundo reunido (Relato de Nilbertson em entrevista a nós concedida).

FIGURA 3: casa grande da antiga Fazenda, onde hoje os assentados se reúnem mensalmente para discutir problemas referentes ao assentamento



Fonte: registrado pela autora do trabalho.

O coletivo está presente não apenas na memória, mas no percurso das questões práticas, como as reuniões que discutem os interesses do grupo. Entretanto, reconhecendo a dificuldade de lidar com pessoas diferentes, concepções distintas e interesses variados. Ou seja, existe um mundo em cada pessoa. As vivências provocadas pelas lembranças revelam:

O passado não faz parte de um tempo acabado, porém é constantemente reavivado pelas lembranças. E mais, constitui um ingrediente de um devir, de um possível acontecer. As narrativas revelam dois pontos, a saber: a) a memória é uma reconstrução social; b) a memória transforma o presente na medida em que reinterpreta o passado. Assim sendo, a memória é libertadora, na medida em que ela escreve a história que vem de baixo, do subterrâneo (SILVA, 2004, p. 46).

Nas histórias contadas se visualiza como se construiu a imagem da fazenda sendo lugar de trabalho. Graciana Freitas (Graça) recorda em entrevista a nós concedida:

Antes do assentamento eu já morava aqui e trabalhava com roça. A vida no assentamento, não sei pras outras pessoas, mas, pra mim, é melhor que antes. Hoje a vida é melhor porque você não é mais morador, mas dono de seu próprio nariz.

Corroborando, Francisco das Chagas acrescenta: “antes nós trabalhava para os outros. Agora nos trabalha pra nós”.

A reforma agrária, ou a constituição do assentamento como espaço de vida e montador de histórias, surge como trilha que aponta oportunidade de luta e trabalho. É visível que o assentamento trouxe um ar de distinção, autonomia e autoestima aos assentados e que, longe de ser um local fora de conflitos e crises, uma utopia, redefine relações, reconstrói vivências e imprime novas memórias e experiências históricas de lugar, de espaço, de sujeitos.

Almeida (2006, p.34), pautando-se por essa linha de discurso, revela uma contradição no processo de territorialização da terra: “Ao conquistar o pedaço de chão e trabalhar na terra com sua família, o assentado passa a viver uma situação contraditória, em que é, ao mesmo tempo, proprietário da terra e trabalhador”. Para a autora, tratar o trabalhador como um ou outro é errado, pois formam um *habitus* de classe camponesa que se materializa na manutenção do seu modo de vida.

[...] apesar dos camponeses não lutarem nem entenderem a luta a partir de um mesmo formato, essa distinção não anula sua identidade e sua consciência de classe, por conseguinte, seu *habitus* de classe camponesa em meio a diversidade da luta (ALMEIDA,2006).

A autora apresenta *habitus* de classe camponesa como um conhecimento adquirido que passa de geração em geração. Uma herança da terra que impulsiona vidas na busca por um pedaço de chão, contribuindo para a identidade na territorialização da luta pela terra, ou seja, os assentados apresentam-se como diferentes,mas no encontro na terra dos assentamentos, percebem-se iguais, aspectos de identificação de *habitus* de classe camponesa.

FIGURA 4: organização das casas em forma de vilas



Fonte: registrado pela autora do trabalho.

O assentamento, portanto, se configura com a organização da comunidade. A semelhança entre as casas, a organização espacial e até os lotes entram nas conversas sobre o que é ser assentado. A vida no assentamento, cobrando e solicitando de cada um responsabilidades para aceitar trabalhar e viver na terra, produz laços e amarras personificados em normas estabelecidas pelo INCRA, por exemplo. Ao mesmo tempo existem contradições do tipo: “o dono”, que seria o assentado, não passa de um

trabalhador a serviço do Estado, uma vez que o assentamento nada mais é do que um emprego de políticas de terra do Estado – nele a pessoa só pode morar e trabalhar na terra, ficando refém dela. É como o assentado Francisco da Silva explica em sua fala: “depois do assentamento tudo melhorou, só não podemos vender, tive um mói de gado bom, antes não podia criar nenhum animal na terra dos outros”.

A utilização de relatos orais como trilha metodológica insistentemente seguida neste trabalho se justifica pelo que afirma Almeida (2006,p.260), ao definir o uso de fontes orais como algo que “na fala, ao revisitar a memória, o entrevistado se descobre sujeito da história nos espaços de luta em busca da terra”.

Porém, preso em algum momento da vida,o assentado descobre que só a terra não basta, a maioria não vive exclusivamente da terra e nem tem condições para isso, pois com problemas como a falta de água e também a falta de condições de manter projetos, o assentamento se configura como lugar de transformações, ao longo dos anos, mas também, lugar de tensões e reveses, como manifesto nas memórias narradas.

Quando chegou a polícia pra pegar Paulo, a comunidade estava reunida e dizendo que não levaria ele sozinho, só levaria ele se fosse acompanhado de todos os outros que estavam aqui. Então tinha mais de 30 homens, com mulheres, crianças e tudo mais. Aí eles desistiram(Relato de Lúcia Cartaxoem entrevista a nós concedida).

Ao analisar as memórias do assentamento no coletivo, encontra-se, também, um destaque direcionado ao papel da mulher e sua transformação enquanto sujeito político. Existem diferenças nas falas dos homens que, geralmente, são curtas, monossilábicas. As entrevistas das mulheres acabam revelando uma participação maior destas. Elas passam a romper a soleira da cozinha, desenvolvendo um papel de liderança na comunidade. Lúcia deixa clara essa transformação quando afirma:

Na comunidade a contribuição que eu dou é muito grande. Eu participo da associação, do grupo de mulheres, da farmácia viva, participo do grupo de mulheres da igreja. É muito bom também o trabalho comunitário. Para mim foi outro tipo de vivência. Eu tive que saber, porque na rua também agente não encontra espaços. A gente encontra nas comunidades rurais o direito de ajudar o próximo. Isso é mais importante na nossa vida e pra mim tudo isso foi muito gratificante no assentamento (Relato de Lúcia Cartaxo em entrevista a nós concedida).

As palavras (re)significamos espaços da terra após o assentamento como valorização da identidade individual, da identificação com a terra como espaço privilegiado na valorização do ser humano que sempre viveu do contato com ela, da labuta diária, da sua dignidade e do seu espaço geográfico como princípio histórico de sociedade, comunidade e humanidade. Revelam o homem e a mulher que se reconhecem não mais como coitados, mas como donos do seu espaço.

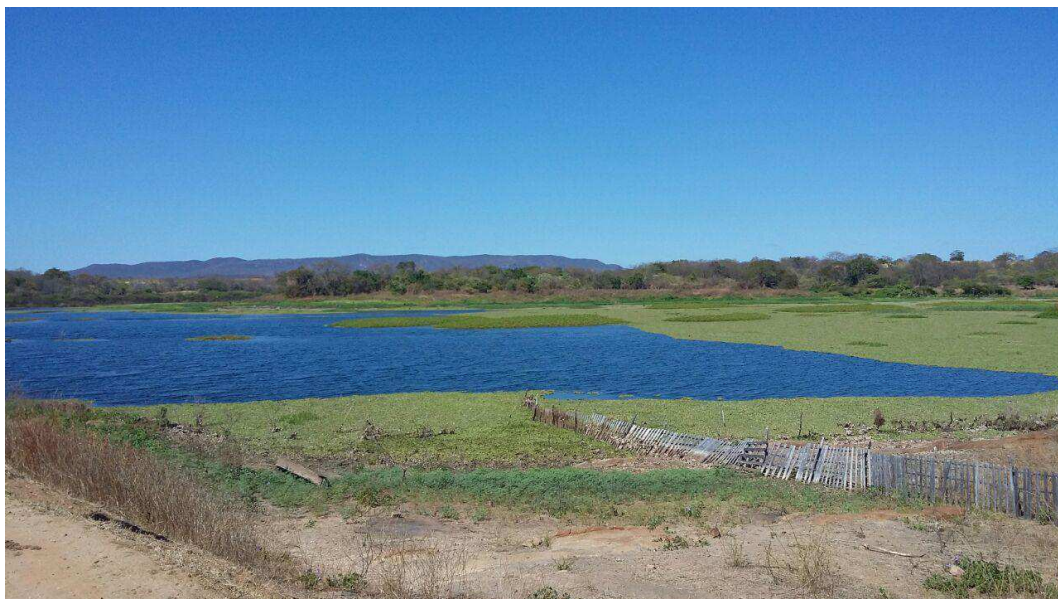
2.2 Entre apreços e desenganos: uma história sobre as lutas, derrotas e conquistas dos moradores do Assentamento Santo Antônio

A memória revela as histórias de vida, o convívio no assentamento e as suas faces mostram as relações estabelecidas como pontos positivos e negativos de se viver em comunidade. São percepções de uma reflexão histórica que emerge na percepção dos assentados.

Parte-se do princípio de que os homens e mulheres fazem a história, porém em condições determinadas, pois não a fazem como bem entendem, mas em condições já estabelecidas, independentes de sua vontade. Esta afirmativa vai na contramão de duas interpretações errôneas acerca da história. A primeira delas corresponde à crença de que os sujeitos são passivos e que as mudanças sociais são realizadas pela própria estrutura da sociedade. A segunda baseia-se na crença oposta, de que os sujeitos sociais são capazes sozinhos de promover as transformações na sociedade em que vivem (SILVA, 2004, p. 11).

Tomando o argumento acima como subsídio apreende-se que, no começo da vida do assentamento, a organização foi necessária para barrar um problema existente na comunidade bem antes da desapropriação. O depoimento a seguir esclarece a questão dos recursos hídricos referente à comunidade. O assentamento possui um açude com volume significativo de água denominado de Santo Antônio, medindo 694 metros de parede, 3,80 metros de largura, 9 metros de altura.

FIGURA 5: vista do açude pertencente ao assentamento



Fonte: registrado pela autora do trabalho.

FIGURA 6: vista da parede do açude pertencente ao assentamento



Fonte: registrado pela autora do trabalho.

Apareceu uma grande luta pela água. O açude tornou-se público. Antes, com o patrão, era uma troca de água por energia. O proprietário cedia a água para o Distrito de Divinópolis e, em troca, a prefeitura pagava todas as contas de energias de todas as propriedades da FAPISA. Quando se transformou em assentamento, cortou-se a energia. Foi colocando contador em todas as casas e a água

permaneceu do mesmo jeito. Então começou a aumentar mais ainda porque tinha na cabeça de alguns políticos que o açude era público. Então, se era público era de todo mundo. Então começa a luta por aí. O Distrito de Divinópolis entra na justiça comum e agente começa a lutar. Barramos a água. Um dia todos os agricultores juntos. Barramos a água de Divinópolis e fomos à justiça. Fomos intimados. Veio a polícia pra prender o presidente que, na época, era Paulo. Houve uma grandeluta (Relato de Lúcia Cartaxo em entrevista a nós concedida).

As questões relativas ao açude tiveram repercussão social e atraíram olhares para o assentamento, revelando suas forças, pontos positivos, bem como algumas fragilidades estruturais no tocante a forma como a sociedade percebe e compreende a propriedade rural de assentamentos.

FIGURAS 7 E 8: reportagens sobre o açude do Assentamento Santo Antônio



Fonte: acervo do CPT-Sertão.

Outros desencontros e desencantos estão relacionados a aspectos sociais constituídos a partir da vivência do assentamento. Fato observado em alguns pontos da fala de Nilbertson, quando diz:

Falamos muito do lado positivo do assentamento. Nós também temos o lado negativo. São muitos pontos. Situações que não são poucas e nem fáceis. Nós temos a questão de entraves pelo lado burocrático do próprio banco na questão de financiamento dos projetos. As famílias. A gente faz todo um processo e, quando chega no banco, aquele projeto tem um entrave. Ele fica travado e a família fica impossibilitada de acessar, por algum motivo, alguns benefícios e alguns direitos. Isso tem dificultado muito o trabalho da ATES dentro das áreas de assentamento de reforma agrária.

Para Almeida (2006), os assentados enfrentam um universo de escassez que comprometem a sua própria reprodução como assentados e a reprodução do seu espaço de moradia e de trabalho, sendo desafiados a permanecer na terra sem nenhum tipo de recurso especial. A posição acima expressa algumas dificuldades enfrentadas atualmente pelos assentados, porque mesmo com todas as questões técnicas em dia, a ATES trabalhando em conjunto aos assentamentos, há entraves como a burocracia e, muitas vezes, acaba por desestimular aquele agricultor que trabalha e vive da terra, fazendo até ele desacreditar da capacidade do órgão. Por isso, manifestando o interesse muitas vezes por coisas erradas, a falta de oportunidade para os filhos dos assentados abre um precedente para o caminho mais fácil, como revela Nilbertson:

Outra questão bastante preocupante também nos assentamentos é a juventude, sobretudo, a questão das drogas. Isso tem gerado grandes conflitos, com grandes problemas. As famílias ficam à mercê da droga, gerando muitos problemas nas áreas de assistência técnica, com a assistente social que desenvolve um trabalho com essas famílias dentro do assentamento. Mas só isso não resolve, porque agente precisa de mais ajuda do governo, de entidades parceiras, de pessoas que venham a somar com agente porque precisamos sair desse problema que é muito grave, que não afeta só o assentamento, mas toda zona rural e cidade.

Nessa fala também é perceptível que o assentamento, mesmo sendo uma comunidade rural, e que, na visão de alguns, o manteria longe de alguns males sociais, não está imune a desafios e problemas sociais. Demonstra ainda mais uma característica do assentamento, de não ser um lugar isolado ou paradisíaco, onde tudo são flores.

Existe a presença e o controle de órgãos como a CAAASP⁶ e organismos institucionais, como o INCRA.

Diante de toda uma construção feita a partir de relatos dos assentados, se esboça a compreensão das formas de como é viver em assentamento. Ou seja, revelam-se traços de uma comunidade que, não descolada no mundo real, encontra-se em transformação, oscilando entre os benefícios e os malefícios de se viver no coletivo. Esta expressão de vida é mais que um símbolo para o assentamento, é a pedagogia de se viver em áreas com estas configurações de projetos de reforma agrária, tratados não como um espaço isolado, mas interligado ao contexto global, em todos os sentidos. Compreender como é viver e fazer história a partir da experiência de assentado e de assentamento subsidia a discussão empreendida no terceiro capítulo, que se debruça mais detalhadamente sobre esse espaço.

⁶ A Central das Associações dos Assentamentos do Alto Sertão Paraibano (CAAASP) congrega 33 assentamentos situados em municípios da região do Alto Sertão Paraibano e do Alto Piranhas, além da região de Catolé do Rocha.

CAPÍTULO III

TROCA DE EXPERIÊNCIAS: DIALOGANDO COM AS MEMÓRIAS DOS ASSENTADOS

3.1 Histórias da Fazenda ao Assentamento: um olhar revelador, memória de uma filha de assentado

Neste capítulo apresentamos as falas daqueles que construíram em suas memórias formulações acerca do que é um assentamento rural. Para isto escolheram registrar as impressões do lugar, o caracterizando como seu por terem raízes fixadas. Ou seja, o espaço da Fazenda dá lugar a ressignificações, escolhendo alguns recursos imagéticos que traduzem o sentimento de pertencimento. O assentamento que ainda insiste em deixar em pé algumas imagens, como, por exemplo, a casa dos antigos moradores, a casa grande, hoje utilizada para as reuniões da associação.

Segundo Silva (2004, p. 120),

Estes registros imagéticos constituem-se em ferramentas importantes para o processo de identidade social e também para os projetos de vida das futuras gerações, na medida em que eles representam o elo entre os diferentes espaços-tempo. Presente, passado, e futuro são entrelaçados na memória pelo fio condutor das distintas experiências vividas.

As experiências e as transformações aqui traduzidas no relato de uma filha, sobrinha e neta de assentados, apresentando também uma característica advinda da fazenda, onde os moradores acabavam por colocar seus filhos para trabalhar e morar também fazendo desse lugar uma extensão da família. Por isso muitos dos assentados são da mesma família.

Em 1996, quando a Fazenda Santo Antônio deu lugar ao Assentamento, eu tinha 13 anos. Meus avós faziam parte dos moradores da antiga Fazenda, vovô era vaqueiro. Meu primeiro contato com o lugar foi quando cheguei de São Paulo, com pouco mais de três anos... meu pai, filho de moradores... íamos todos os fins de semana para o sítio, adorava ouvir as histórias, as pessoas a noite sentadas no terreiro, o galo cantar, ir buscar água no açude, ainda não

havia água encanada, tomava banho num banheiro improvisado ou no açude, as necessidades num cantinho perto do chiqueiro. O sítio era minha segunda casa, meu pedaço de chão, meu doce torrão no sertão. Meu pai havia deixado o sítio, nos tempos de vaca magra, falência, seca, dificuldades, quando os ventos melhoraram um pouco foi tempo de voltar, foi morador da fazenda e quando voltou retornou para trabalhar na fábrica dos que ainda eram donos da fazenda. Trabalhava na fábrica e nas horas vagas cultivava a terra junto com meu avô. Meus avós nunca deixaram aquele pedaço de chão. Ainda tenho na memória os passeios de carroça, o gado voltando para o curral no fim de tarde, as árvores frutíferas, e a imagem do açude que ainda permanece lá, com sua beleza e exuberância. Eu ia crescendo, e vendo as coisas mudarem, o gado diminuir, os cuidados com a fazenda também, como terra de todo mundo e ao mesmo tempo de ninguém, bem como os cochichos do que aconteceria com os moradores, a terra agora era do banco. Da preocupação a solução, a terra passaria a ser do governo. Mas como seria? Uma movimentação diferente acontece, a casa da fazenda antes abandonada passa a ser palco de reuniões, moradores antes submissos a um patrão formam uma associação. Gente que nunca tinha visto começa a desbravar o sítio, e mede, avalia, visita, conversa, até que se torna um assentamento. Vejo meus avós sofridos, de uma história de vida, na época quase cinquenta anos de moradores do local, se transformar em donos do seu espaço, as pessoas da comunidade sempre foram minha família, cresci tendo todos como parentes, se orgulharem de poder cuidar da sua terra. Meu pai, meus tios, meus avós, os pais dos meus amigos, ganhavam o seu pedaço de sertão, ganhavam e ao mesmo tempo assumiam um compromisso com aquelas terras. Um sopro de esperança mudava o local, novas casas iam sendo feitas, banheiros já não eram mais um sonho, a terra loteada, demarcada, projetos, iniciativas iam chegando, o orgulho de dizer e pertencer ao assentamento Santo Antônio. Hora de seguir novos rumos. Saber que ali são todos iguais que ninguém assume um cargo superior que o outro, possui os mesmos direitos e deveres, discutem tudo em reunião e são unidos quando precisa. Tudo isso renovou a vida do lugar. O assentamento guarda a história de vida da minha família, um pedaço de mim. As minhas raízes me orgulham, vi aquele sítio, as pessoas fazerem uma nova vista do lugar, a irmandade, a fraternidade, presente até nos desencontros em alguns momentos da reunião. Meu avô trabalhava como vaqueiro na fazenda Santo Antônio e seria um dos que saíam dali com a hipoteca da fazenda, meu pai voltou a morar onde só saiu por motivos de sobrevivência e teve sua vida transformada pelos incentivos, agricultores assim como meu pai ganharam não só um pedaço de terra para trabalhar e produzir, mas garantiram a dignidade para trabalhar e criar seus filhos nessa terra (Relato de Fernanda Chagas, neta, filha e sobrinha de assentados).

O relato expresso nas memórias de Fernanda Chagas mostra todo um significado histórico trazido na sua fala, apontando a aproximação do lugar com o sentimento de pertencimento: “o sítio era minha segunda casa, meu pedaço de chão, meu doce torrão

no sertão”. Essa característica dela é compartilhada por todos que ali desfrutaram ainda hoje do assentamento.

3.2. Entre o ontem e o hoje: dialogando com memórias

O Assentamento Santo Antônio não tem uma história marcada por lutas diretas, por brigas ou apropriação indevidas como na maioria das vezes se associa quando se fala em movimento de reforma agrária. Tampouco existiram, na comunidade, as barracas do “sem terra”, que se tornaram símbolo daqueles que lutavam junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O assentamento Santo Antônio não teve luta de acampamento né, no entanto quando eu vinha pra cá, Socorro Gouveia queria porque queria que eu construísse uma barraca pra eu morar, porque eu morava na cidade e vinha pra cá todos os dias e ficava pelas casas, queria que eu construísse uma barraca. Aí eu disse “nam socorro, já tô construindo minha casa, eu vou aguardar”. Mas não houve uma luta travada para a conquista da terra porque a terra infelizmente o proprietário tinha hipotecado ela ao banco, então quando ele hipotecou ao banco toda a terra ficou para o Banco do Brasil e aí o proprietário ofereceu essa propriedade a várias pessoas, mas aí ninguém queria devido a grande quantidade de moradores que tinha e aí a quantidade de tempo que cada morador residia, então se fosse pagar aos moradores, indenizar os moradores, o dinheiro da terra não daria pra cobrir nada (Relato de Lúcia em entrevista a nós concedida).

Houve um momento de tensão provocado pela indefinição vivenciada por aqueles que já se encontravam na terra, como os moradores da fazenda. Nesta época, a fazenda já estava hipotecada ao banco e o futuro daqueles que ali moravam era incerto.

Agora nós trabalha pra gente e não pros outros como fazia antes, não só pra mim, mas pra todos, a mudança foi grande, no começo agente ficou sem saber direito como ia ficar as coisas, a terra ia ser do banco, mas quando o INCRA chegou e explicou que nós podia ficar aqui, foi bom demais (Relato de Francisco da Silva em entrevista a nós concedida).

Então começou a luta organizada pela legalização e início da implantação do P.A. Falar de assentamentos de reforma agrária mostra o fim de uma luta antiga pela

terra não por si só, mas acima de tudo pela dignidade adquirida com ela. O orgulho representado na fala da assentada:

Aqui é o meu lugar, me sinto segura aqui...meu aconchego...a luta foi grande, dor, decepção, mas vivia tudo de novo, ser igual, ninguém é diferente, todos somos iguais. Seu direito, sua moradia, o vento batendo me sinto liberta, dou muito valor ao assentamento ser firme e forte na luta. Sou muito feliz aqui dentro, vivo na minha casa, não dou satisfação a ninguém, a farmácia viva me ensinou muita coisa a mais, minha experiência, eu digo de coração, sei que muita gente me ignora, eu sinto saudades dos encontros, das viagens, que ganhava experiência lá fora...o assentamento me trouxe de tudo um pouco, deu muitas alegrias (Relato de Graçaem entrevista a nós concedida).

São recorrentes na literatura especializada que a formação e a implantação do assentamento não são estágios fáceis. O período de adaptação, o entrosamento. Tudo se revela complexo. Vários processos se entrelaçam. O viver em comunidade é um grande desafio, onde os assentados passam a decidir tudo em assembleias, onde todos os assuntos são colocados em pauta. As intencionalidades que se associam para construir a história do Assentamento Santo Antônio são registros históricos que permitem tecer um contexto de como os assentados, através de suas memórias, explicam como se deu o processo de implantação e como tiveram suas vidas transformadas por ele.

As famílias ganharam sua própria autonomia, elas não mais moram de morador, ou seja, elas não são sujeitas, mandadas ou trabalho escravo, elas ganharam autonomia, tanto os homens quanto as mulheres ou jovens e também a nossa comunidade, o nosso assentamento. Como eu diria, trabalhos que as famílias desenvolvem e geram renda nas próprias famílias, como trabalhos artesanais, nós temos corte e costura, temos culinária, cabelereiros, outras profissões que as famílias trabalham e tiram seu próprio sustento, sem precisar trabalhar fora. Também temos a nossa agricultura com hortaliças orgânicas, fruticultura, entre outras (Relato de Nilbertsonem entrevista a nós concedida).

As razões de existência do assentamento expressam, na compreensão dos assentados, o quanto as mudanças modificaram a vida de todos. Há um espírito de orgulho solto no ar. Não é que nessas circunstâncias tudo esteja na melhor fase ou não se registrem problemas. Ao contrário, existe uma conscientização de todas as situações, dificuldades e dos problemas superados, das diferenças pessoais.

Trouxe muitas mudanças. Deixamos de ser empregados e agora trabalhamos pra gente sustentar nossa família, a humilhação ficou no passado, todos temos os lotes, mas a maioria dos assentados mora na vila e não nos lotes, tudo é do coletivo. Por isso tudo vai pra reunião, quando termina a reunião as discussões ficam lá e todo mundo é amigo, somos uma grande família, todos se conhecem... e mesmo moro lá há mais de 30 anos, não temos inimigos (Relato de Francisco da Silva em entrevista a nós concedida).

O desejo de se tornar dono de si mesmo supera todas as diferenças. O PA, assim como no resto do Brasil, apresenta disparidades. Uma liderança que se destaca. Alguém que conhece o trabalho do INCRA. Em Santo Antônio existe Lúcia. Vira e mexe ela está atuando como presidente da associação, cargo esse exercido por ela várias vezes desde a homologação do assentamento. E não restam dúvidas para a comunidade das relevantes contribuições dadas por ela.

Existe associação e o presidente é Nilberto, e tem secretários e tesoureiros. Acho que em todo canto têm muito, principalmente por ter duas agrovilas. Lúcia foi presidente e Paulo muitas vezes, ela sempre ganha porque sabe falar melhor e conhece o povo todinho (Relato de Francisco da Silva em entrevista a nós concedida).

A presença de uma assistência técnica contextualizada é apontada como relevante na montagem da história do assentamento. Os técnicos se fazem presentes durante todo o ano e, mesmo em momentos de crise e dificuldades, buscam encaminhar possibilidades de construção de uma vida sustentável.

A vida aqui é simples, mas é boa. A gente trabalha muito e assim consegue se sustentar fazendo uns bicos e alugando pasto, criando os nossos bichos, hoje tenho liberdade para criar meus porquinhos e minhas galinhas, fazer na época da seca minha vazante (Relato de Francisco da Silva em entrevista a nós concedida).

Diante de tudo isto, o ser assentado revela uma dignidade conquistada a partir de um pedaço de chão, que pode até ser pouco diante da imensidão de terras improdutivas desse Brasil, mas é o suficiente para quem passou a vida na roça servindo e trabalhando como morador.

Privilegiada por fazer parte desse movimento. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Eu vi com o assentamento que nós, pobres, temos o seu valor. Aqui dentro todos são iguais, com mesmos direitos, diferente de quando agente era morador. Sempre era primeiro a vontade de um senhor (Relato de Graçaem entrevista a nós concedida).

A dignidade também faz surgir sonhos antes impossíveis, mas agora palpáveis, como veros filhos formados através dos projetos oferecidos e firmados entre o INCRA e algumas instituições de ensino⁷. Assim, muitos profissionais de diversas áreas são consequências desses projetos. O assentamento ensinou novas formas de cultivo e produção e através disso melhorou a expectativa de se viver da terra mostrando o quanto ela pode ser produtiva, capaz de desenvolver-se economicamente e progredir na vida. Mostrou não só moradia, mas ensinou muitas pessoas a viverem em comunidade.

Temos quase tudo que precisa pra se alimentar e a mudança foi muito grande na criação dos meus filhos, porque pra mim, criar filho na cidade também eu acho muito complicado, na zona rural é bem mais fácil porque aqui a vivência é outra, num tem aglomerados de pessoas, num tem com quem se juntar e os meus filhos, graças a Deus, através do PRONERA, através do INCRA, estudaram na escola de Sousa e em João Pessoa. Paloma terminou técnico de enfermagem em João Pessoa através do PRONERA e pra mim foi muito valioso, porque pra mim que tenho duas filhas trabalhando fixo no município de Nazarezinho, concursadas, tenho Romério, que trabalha na CAAASP como técnico pelo INCRA, e assim, o que eu posso dizer de ruim da minha vida? Dizer que foi tudo muito bom, hoje já tenho os meus netos que tento trazer pra cá pra ter uma outra vida, diferente da cidade (Relato de Lúciaem entrevista a nós concedida).

A realização da pesquisa permite enxergar coisas antes não observadas. Por exemplo, a união existente e apenas revelada entre linhas quando se puxa da memória o episódio de organização interna para se efetuar algo. Apreende-se que o assentamento vai além de um lote. Ele está inserido em um contexto bem maior que somente foi visualizado com o necessário distanciamento e com um olhar de fora para compreender o que de fato ele é. Ou seja, o lugar de tudo que a lei permite (por exemplo, o

⁷Dados do Relatório da II Pesquisa Nacional sobre a Educação na Reforma Agrária, de 2015, revelam que, no período de 1998 a 2011, somente na Paraíba, a Escola Agrotécnica Federal de Sousa, ofereceu cinco cursos, destinados a filhos de assentados. Além desta instituição, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ofereceu 14 cursos, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) ofereceram cada uma, um curso. Cursos técnicos profissionalizantes e superiores.

assentamento, ele é igual, obedece à mesma lógica no Brasil todo, mas cada um, a partir de sua realidade histórica, constrói sua identidade).

Identidade que não é definitiva, única, moldada. Apesar de o assentamento seguir um padrão, cada comunidade, assim como as pessoas, se configuram de uma forma diferente. Não é algo definitivo e imposto. É maleável, seguindo as transformações. Não é um ciclo fechado, porque apesar dos assentamentos obedecerem a uma lógica superior, as pessoas não são iguais. São moldes criados pela história, como explica Albuquerque Junior (2007, p. 129):

O que aprendemos com a história é, justamente, que tudo que está a nossa volta, tudo que fazemos, dizemos, somos, pensamos, foi produzido e inventado, historicamente, pelos próprios homens e, se é assim, também pode vir a ser destruído, abandonado, desinventado e desinvestido pelos próprios homens.

Ao mesmo tempo em que as coisas pareciam fáceis para os novos assentados, muita coisa aconteceu durante esse processo. Até nos dias atuais levantam-se questionamentos acerca da disputa por água. De acordo com Lúcia, com o assentamento veio a ideia de tudo ser público:

Com a desapropriação da terra, apareceu uma grande luta que foi pela água. O açude tornou-se público. Antes, o patrão fazia uma troca de água por energia. Ele cedia a água para o Distrito de Divinópolis e em troca a prefeitura pagava as contas de energia de todas as propriedades da FAPISA. Quando entrou pra assentamento, cortou-se a energia. Foi colocando contador em todas as casas e a água permaneceu do mesmo jeito. Então começou a aumentar mais ainda porque, na cabeça de alguns políticos, a água do açude era pública. Então se era público era de todo mundo. Então começou a luta. O Distrito de Divinópolis entra na justiça comum e agente começa a lutar. Nós barramos a água aqui. Um dia todos os agricultores juntos barraram a água de Divinópolis (Relato de Lúcia em entrevista a nós concedida).

Na realidade, o que se tem agora, depois que a terra foi desapropriada? Com relação ao açude, as tensões se associam na direção de compreender o discurso que começa a se legitimar de que o açude e, em desdobramento, todo o assentamento, faz parte de uma zona pública, ou seja, o governo diz não existem donos, que é público. A disputa por água no início do assentamento mostra como se configurou e até hoje se mantém uma união em volta de um bem comum a todos da comunidade. Juntaram-se

todos em prol não de uma pessoa, mas da comunidade – fica claro que há um espírito de união.

Fomos pra justiça. Fomos intimados. Veio polícia pra prender o presidente que, na época, era Paulo. Houve uma grande luta. Quando chegou aqui a polícia pra pegar Paulo, a comunidade tava reunida e dizendo que não levaria ele sozinho, só o levaria se fosse acompanhado de todos os outros que estavam aqui. Tinha mais de 30 homens, com mulheres, crianças e tudo mais. Aí eles desistiram (Relato de Lúcia em entrevista a nós concedida)

Embora a fala acima expresse um sentimento de unidade e coesão, corroborando uma elaboração bastante recorrente de apontar os assentamentos como a concretização de um paraíso, as desavenças e os conflitos são perceptíveis, revelando as distintas interpretações do que é viver em comunidade.

A vida está melhor para uns e outros não, nem todos participam. Tem sempre um mesmo grupo, então, por exemplo, quando vêm os projetos ficam sempre para as mesmas pessoas (Relato de assentado não identificado em entrevista a nós concedida).

Viver em comunidade induz as pessoas a reproduzirem um padrão não só de organização, mas, acima de tudo, de algumas características impostas socialmente pela forma como estão organizados enquanto assentamento ou associação, seja por traços socioeconômicos, geográficos, históricos e/ou culturais.

As casas foram padronizadas pelo INCRA. Eu, particularmente, morei lá desde o início, formamos a vila e agente foi morar. O que eu tenho a dizer como agente vive hoje no assentamento é que é muito bom (Relato de Nilbertson em entrevista a nós concedida).

FIGURA 9: o padrão seguido pelas casas dos assentados. Na foto, um antigo morador da fazenda, hoje um assentado



Fonte: registrado pela autora do trabalho.

O comportamento dos assentados, muitas vezes, revela as dificuldades na apreensão do seu novo status em relação à terra, da qual antes eram moradores/empregados, passando a moradores/donos da terra. Em vez de ser livre é submetido a uma entidade maior, o Estado, personificado na figura da instituição INCRA, que o obriga a viver, por exemplo, em espaços habitacionais em forma de vilas, seguindo um padrão estabelecido e definido *a priori*, sem nenhuma participação dos assentados.

Mas, ao mesmo tempo em que querem ser livres, acabam por fazer cobranças ao INCRA, como se a figura do patrão antigo hoje se personificasse na instituição:

A questão do INCRA hoje eu avalio que falta muita coisa, deixa a desejar em muitos pontos, por quê? Como o INCRA é um órgão que acompanha e fiscaliza as áreas de assentamentos de reforma agrária, deveria ter um olhar mais amplo nas áreas de assentamentos. Hoje, se você for aqui em Valdecir Santiago, que fica próximo a Santo Antônio, nós não temos estradas, é um problema do poder público também, mas agente já cansou de enviar ofício, pedir pelos rádios ou meio de comunicação. Nós não temos nenhum resultado e o INCRA também deveria olhar pra essas questões, onde falta ônibus pra ir buscar lá, porque as estradas de acesso terrível deveria ser vista

também pelo INCRA... e eles são informados de tudo isso (Relato de Nilbertson em entrevista a nós concedida).

A nova forma organizacional também interfere no contexto familiar, principalmente no tocante à educação. O exemplo de formar filhos, antigamente, era exclusividade para os filhos do doutor, realidade essa transformada pelo desejo e possibilitada pelo assentamento, como é possível ver através do depoimento de Lúcia. Ela mostra esse novo olhar sobre a terra, as mudanças de valores e foco na formação dos filhos, não mais centralizada apenas sobre o cultivo da terra, mas também sobre o que se constrói a partir da estabilidade e sustentabilidade dadas às famílias no assentamento.

Recebi o benefício de Katia para a criação de bodes, projeto do INCRA. Fiquei feliz em comprar 8 fêmeas e 1 macho, o projeto foi ótimo, o governo fez de tudo para ajudar a gente. De bode passei a ovelhas e de ovelhas a gado, tirando ração do beijo do açude, tudo para sustentar a família. Criei muita galinha, tenho hoje em média no assentamento 80 galinhas e uns 9 porcos para o abate, para o sustento, quando preciso de dinheiro, eu mato e vendo (Relato de Franciscoda Silva em entrevista a nós concedida)

Faz parte das garantias do INCRA a assistência técnica, créditos, infraestrutura e outros benefícios de apoio ao desenvolvimento das famílias assentadas. Por isso, os benefícios realizados contaram apenas alguns casos que não são únicos e nem específicos dessa comunidade, como projetos desenvolvidos com parceria e que marcam a vida, principalmente das mulheres, que se destacam, uma vez que fica sobre a responsabilidade delas o trabalho de cuidar e cultivar. Isso é visto no relato de Graça que, apesar das dificuldades encontradas, revela um orgulho imenso que ultrapassa as expectativas:

Lutava com o gado, era aquela vida medíocre, nós não tinha conhecimento de nada. Mas quando isso começou, o movimento pra virar assentamento, de tudo agente fez um pouco... (Relato de Graça em entrevista a nós concedida)

Esse pouco a que ela se refere deve muito por ela não ter conhecimento algum, à época, sobre o cultivo das plantas medicinais, e, junto com seu marido, apoiar o projeto, deixando claro que nem todos partilhavam do desejo de possuir esse conhecimento.

O povo produzia porque aonde agente nasce lá têm raiz e o povo tem vontade de viver, tem dificuldade, mas fulano têm isso,mas o povo tem mais porque trabalha, tem dificuldade. O povo mesmo critica essa farmácia, aí num vai pra frente e num vai porque o povo é que num quer uma farmácia da estrutura daqui... tá aí essa hoje, se as família tivesse mais consciência e desse mais valor um pouquin, isso era uma farmácia mudelo... cansei de entrar aí só eu e Edval, mais de mês, só eu e Edval.Se nós aguasse, era aguado, se não, não era aguado mais.É porque às vez as pessoa nem que por boa vontade a boa vontade que faz a pessoa ir a luta... mas tem gente que num entende isso, por mais que às vez viva, conviva no meio do povo,estude, e não tem aquele entendimento (Relato de Graçaem entrevista a nós concedida).

A característica das pessoas de se ausentarem de certas responsabilidades, atribuindo culpa àquelas pessoas que participam, fazem surgir críticas a alguns projetos, trabalhos. Nesse caso, seguem exemplos de sentimentos sobre a vida no assentamento e sobre projetos ali desenvolvidos:

Pra mim o assentamento é bem melhor do que quando era a fazenda, mas existe uma desunião, um preconceito, porque quando vem projeto há uma exclusão. Sou tão por fora dessas coisas... tão por fora das coisas (Relato de assentado não identificadoem entrevista a nós concedida).

Como uma mesma pessoa nutre um sentimento de revolta pela exclusão e ao mesmo tempo demonstra tal desinteresse? Mais uma vez, claro que nenhum lugar é perfeito e que não estamos fugindo da nossa função de avaliar questões relevantes para o presente trabalho. Expondo tal comentário, o fazemos na intenção de dizer que as pessoas possuem autonomia para decidir se entram na luta ou só esperam os outros para criticar.

Houve mudança, mas pra pior, porque antes cada um sabia do seu lugar. Agora uns quer mandar mais que os outros, se vem projeto, só fica pros mesmo, aí exclui os outros (Relato de assentado não identificadoem entrevista a nós concedida).

A vida em assentamento tem seus desafios, seus desencontros e seus desencantos. Os relatos demonstram a alegria e a tristeza das transformações ocorridas, um processo de identificação cultural e identidade social, mas fato é que a realidade do

assentamento transforma tudo em expectativa, a exemplo de trazer para a comunidade melhorias de políticas públicas para as mulheres.

Trazer mais projetos para as mulheres, desenvolver dentro dos assentamentos pra que elas pudessem ter a sua própria autonomia... falta tudo isso dentro do assentamento, nós não temos um cem por cento de vida boa dentro do assentamento, claro que temos as negatividades, nossos problemas, e a gente não sabe a quem recorrer, estamos aqui esperando que Deus olhe pela gente e eles também que possam achar uma solução para resolver todos esses problemas (Relato de Nilbertsonem entrevista a nós concedida).

As famílias do Assentamento Santo Antônio revelam, nas suas memórias, o valor da terra. Terra que, bem cuidada, alimenta o corpo e a alma. É a Reforma Agrária ressignificando espaços geográficos, histórias e vidas.

Ao dialogar com a memória dos assentados, buscou-se expor um universo paralelo àquilo que os olhos compreendem, deixando claro que todas as pessoas são capazes de fazer história. A escolha de um determinado grupo não garante que seja a única verdade, tampouco unânime dentro desse mesmo grupo social, mas é preciso sensibilidade para entender que os sujeitos se constituem a partir de sua história, e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das memórias dos assentados permitiu compreender que, ao se aperceberem enquanto sujeitos ativos nesse processo, algumas pessoas, que se destacaram por posições políticas, de liderança, de envolvimento com a vida da comunidade, elaboram suas falas e, sobretudo, não se intimidam em expressar essas vivências. Revelam tensões, conflitos, concordâncias, divergências que, presentes na vida da comunidade, também contribuíram para desmistificar o discurso corrente de assentamentos como lugares imunes a problemas.

Desde o processo de transformação da fazenda em assentamento e a participação colaborativa de órgãos como CPT, INCRA, a elaboração de um processo de identificação e pertencimento, apreende-se como essas questões trazem intrínseca ligação com a nova forma de organização e de estrutura do assentamento. Um novo olhar sobre a propriedade e uso da terra pelos antigos moradores e agora assentados.

A transformação das memórias das pessoas em relatos orais, revela o sentido da fala, possibilita a compreensão de como a memória é construída de pensamentos coletivos e individuais. Que o discurso permeia as falas e apresenta os sujeitos em meio às transformações sociais, enxergando e escancarando problemas, positivities, tensões inerentes ao morar e viver em assentamentos.

Os relatos, em forma de depoimentos livres, ao dialogar diretamente com a memória dos assentados, instituem e organizam discursos que trazem a mistura de sentimentos e a multiplicidade de situações vivenciadas. Situações e sentimentos personificados na reforma agrária, em ser dono da terra, em ser senhor da própria vida, no orgulho de ser assentado.

A constituição desse projeto revelou a história viva na memória, o valor do relato oral como registro de historicidade e a realidade social do assentamento na construção de identidade social. Comunidade, pertencimento a um lugar marcado como seu. Não é questão de território, é questão de honra. Para alguns, não existiria felicidade em outro lugar, se não naquele onde fincaram raízes.

Por isso, enquanto historiadora em formação, busquei, durante a construção desse trabalho, apresentar uma narrativa histórica do Assentamento Santo Antônio a partir dos relatos das pessoas que ali residem. Um trabalho gratificante enquanto

estudante, pois um dia sequer, no momento de construção dessa pesquisa, esqueci que ali também era o meu lugar. Não tive como deixar a subjetividade de lado quando em alguns momentos o que eles contavam também fazia parte de minha história.

Com a pesquisa aprendi muitas coisas, primeiro a não tomar partido e interferir durante as falas. Segundo, compreender que cada sujeito ali presente trazia um novo olhar para o assentamento e que, mesmo estando ali todos os dias, eu não tinha essa compreensão, de ver que não era apenas a questão da terra, mas uma questão de dignidade advinda com ela.

Em terceiro lugar, acredito ter cumprido o objetivo maior de mostrar o assentamento de forma diferente daquilo que estamos acostumados a ouvir ser dito. Ou seja, os projetos de reforma agrária que colocam as pessoas pertencentes a eles em segundo plano e partem para o lado de lutas pela terra, movimentos sociais, questões territoriais. Nosso intuito, de mostrar o assentamento com uma visão social, traz a certeza de que é uma célula social, viva, ativa, a ser nutrida e alimentada por políticas sociais, marcadas por um processo de estruturação social quanto ao direito à dignidade humana, ao trabalho e à vida edificada no campo.

O reconhecimento do assentamento e dos assentados como lugares de história, transformados pelas ações e conquistas, se apresentam nas revelações da pesquisa, que traz um novo olhar sobre o processo de reforma agrária. Lugares e sujeitos não previamente definidos, mas moldados por esse processo, vistos em formação contínua, que anseiam por melhorias, mas que também vão à luta dentro das suas limitações, que aproveitam as oportunidades oferecidas.

Sujeitos históricos que procuram ressignificar suas identidades de assentados. Ao redirecionar o olhar para projetos de assentamentos, é possível constatar aí muitas histórias de vida e de luta.

Em suma, aprendi com essa pesquisa que qualquer pessoa, como indivíduo ou grupo, pode fazer história.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia.** São Paulo: Cortez, 2007.
- ALENCAR, F. A. G.; SAMPAIO, J. L. F.; FELIX, F. K. L. **O pulsar da vida no campo: FETRAECE 50 anos.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2013.
- ALENCAR, F. A. G. **Segredos íntimos: a gestão nos assentamentos de reforma agrária.** 210p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), UFC. Fortaleza, 1998.
- ALENTEJANO, P. R. R. A política de assentamentos rurais do governo FHC e os desafios da reforma agrária no Brasil do século XXI. **Revista Agrária**, São Paulo, n. 1, p. 2-15, 2004.
- ALMEIDA, R. A. **(Re)criação do campesinato, identidade e distinção.** São Paulo: Editora da Unesp, 2006.
- BENJAMIN, W. Teoria do conhecimento, teoria do progresso. In: **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BERGAMASCO, S. M. P. P.; NORDER, L. A. C. **O que são assentamentos rurais.** São Paulo: Brasiliense, 1996.
- COSME, C. M. **A reprodução da expropriação camponesa nas áreas de reforma agrária: um estudo de caso do Assentamento Diamantina.** 136f. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade Filosofia Dom Aureliano Matos, Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, Ceará, 2011.
- CPT- SERTÃO. **Relatório de Campo.** A história do Assentamento Santo Antônio.
- INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em: <www.incra.gov.br>.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **II PNERA: Relatório da II Pesquisa Nacional sobre a Educação na Reforma Agrária.** Brasília, 2015.
- LIVRO DE ATAS – Associação Comunitária do Assentamento Santo Antônio. Livro 1.
- MITIDIERO JR., M. A. **A ação territorial de uma Igreja radical: Teologia da Libertação, luta pela terra e a atuação da Comissão Pastoral da Terra no Estado da Paraíba.** 502p. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, 2008.
- _____. Reforma agrária no Brasil: algumas contribuições sobre a materialização dos assentamentos rurais. **Revista Agrária**, São Paulo, n. 14, p. 4-2, 2011.

OLIVEIRA, A. U. O campo brasileiro no final dos anos de 1980. In. STEDILE, João Pedro (Org.). **A questão agrária: o debate na década de 1990**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

PAULINO, E. T.; ALMEIDA, R. A.. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RANGEL, M. S. **Medo da morte e esperança de vida: uma história das ligas camponesas**. Campinas, 2000.

SETTON, M. G. J. Uma introdução a Pierre Bourdieu. **Revista Cult**, n. 128, 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>>. Acessado em: 14/11/16.

SILVA, M. A. M. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: UNESP, 2004.

SIPRA. **Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária**, 2014. Disponível em: <www.incra.com.br>. Acesso em: 15/05/2016.

_____. **Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária**, 2015. Disponível em: <www.incra.com.br>. Acesso em: 15/05/2016.

ANEXOS

ANEXO A - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais
Curso de História

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **MEMÓRIAS DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO OU DE COMO VIDAS FAZEM HISTÓRIA**, desenvolvido pela aluna Karina Dos Santos Silva, sob orientação da professora **Mariana Moreira Neto**, como pré-requisito para produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), junto ao **Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo apreender e sistematizar, por meio de entrevistas, as memórias vividas por sujeitos históricos durante o período de construção do assentamento Santo Antônio e se faz necessário por como elemento que irá possibilitar uma compreensão de como, através das memórias, se elabora a produção de recortes históricos da realidade.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **conceder uma entrevista onde possa fornecer informações pessoais de sua vivência em comunidade e as experiências pessoais durante a formação do assentamento**.

Os riscos envolvidos com sua participação são: Não existem riscos aparentes para a participação na pesquisa

Os benefícios da pesquisa serão: Colaborar para a produção de uma memória histórica sobre o assentamento e as mudanças ocorridas durante sua implantação que irá subsidiar a produção de um trabalho acadêmico.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.


Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Karina Dos Santos Silva**, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com a responsável pela pesquisa
Nome: Karina Dos Santos Silva
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço: Rua Francisco Fernandes n 65
Telefone: 83 9394-9129

Email: karinaflore@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Maria do Socorro Ferreira Karina dos Santos 
Assinatura Nome e assinatura do responsável pelo
estudo
Nome: Maria do Socorro Ferreira
RG: 665.751
CPF: 300 856 594 87

Email: karinaflorcg@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

M. L. Cortes
Assinatura
Nome: Maria Lucia Dantas Cortes.
RG: 899.755 SSP PB.
CPF: 981.212.784.49.

Karina dos Santos Silva
Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

Email: karinaflorcg@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Graciana Freitas da Silva Karina dos Santos Silva
Assinatura Nome e assinatura do responsável pelo estudo
Nome: Graciana Freitas da Silva
RG: 1.487.019-
CPF: 759.989.044-00

Email: karinaflorcg@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

*Francisco da Silva Karina dos Santos Silva
Assinatura Nome e assinatura do responsável pelo estudo
Nome: Francisco da Silva
RG: 1.000.934
CPF: 032274344-33

Email: karinaflorcg@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Francisco das Chagas Karina dos Santos Silva
Assinatura Nome e assinatura do responsável pelo estudo
Nome: Francisco das Chagas
RG: 13.823.142
CPF: 789.855.108-78

ANEXO B - ENTREVISTAS COM OS ASSENTADOS

A) Relato de Lúcia Cartaxo

Antes de morar no assentamento eu morava na cidade, né então a vida na cidade não é fácil é bem difícil, mas pra mim foi uma mudança de vida muito grande e muito boa pra melhor porque eu vivia na cidade de tudo eu tinha que comprar eu vivo aqui no assentamento aqui eu num preciso comprar quase nada porque aqui a gente planta o feijão, a galinha, o leite, tem a cabra, o bode então a gente tem quase tudo que precisa pra se alimentar e a mudança foi muito grande na criação dos meus filhos porque pra mim criar filho na cidade também eu acho muito complicado na zona rural é bem mais fácil porque aqui a vivencia é outra num tem aglomerados de pessoas num tem com quem se juntar e os meus filhos graças a deus através do Pronera através do INCRA né estudaram na escola de Sousa e em João Pessoa ,Paloma terminou técnico de enfermagem em João Pessoa através do PRONERA e pra mim foi muito valioso porque pra mim tenho duas filhas trabalhando fixo no município de Nazarezinho concursadas tenho Romerio que trabalha na Caasp como técnico pelo Incra e assim o que eu posso dizer de ruim da minha vida dizer que foi tudo muito bom hoje já tenho os meus netos que tento trazer pra cá pra ter uma outra vida diferente da cidade.

Na comunidade a minha contribuição foi desde o inicio do assentamento que a gente vêm contribuindo com a associação primeiro Paulo foi o coordenador do assentamento por 2 mandatos depois passou pra mim que permaneci no cargo de presidente já vários mandatos né como no Estatuto só é 2 mandatos somente sempre a gente tem um intervalo de um mandato no meio mas sempre voltando pra mim né e ai eu acho que a contribuição que eu dou é muito grande porque eu participo da associação ,do grupo de mulheres da farmácia viva, participo do grupo de mulheres da igreja e assim é muito bom também o trabalho comunitário pra mim foi um outro tipo de vivencia que eu tive sabe porque na rua também a gente num encontra esses espaços a gente encontra nas comunidades rurais né o direito de você ajudar o próximo isso é mais importante na nossa vida e pra mim tudo isso foi muito gratificante o assentamento.

O assentamento santo Antônio não teve luta de acampamento né, no entanto quando eu vinha pra cá Socorro Gouveia queria porque queria que eu construísse uma barraca pra eu morar porque eu morava na cidade e vinha pra cá todos os dias e ficava

pelas casas queria que eu construísse uma barraca ai eu disse “nam socorro, já to construindo minha casa, eu vou aguardar” mas não houve uma luta travada para a conquista da terra porque a terra infelizmente o proprietário tinha hipotecado ela ao banco então quando ele hipotecou ao banco toda a terra ficou para o Banco do Brasil e ai o proprietário ofereceu essa propriedade a varias pessoas mas ai ninguém queria devido a grande quantidade de moradores que tinha e ai a quantidade de tempo que cada morador residia então se fosse pagar aos moradores indenizar os moradores o dinheiro da terra não daria pra cobrir nada então como estava hipotecada a CPT procurou o sindicato dos trabalhadores rurais e junto as duas instituições procuraram o INCRA e ai o Incra veio fez a avaliação da terra que tava improdutiva já e como estava hipotecada então isso avançou mais rápido para desapropriação da terra após a desapropriação da terra apareceu uma grande luta que foi pela água o açude tornou se publico e ai antes com o patrão era uma troca de água por energia o proprietário cedia a agua pro distrito de Divinópolis e em troca a prefeitura pagaria todas as energias de todas a propriedades da Fapisa e ai quando entrou pra assentamento cortou-se a energia já foi colocando computador em todas as casas e a água permaneceu do mesmo jeito indo então começou a aumentar mais ainda porque tinha na cabeça de alguns políticos que a água que o açude era público então se era publico era de todo mundo então começou a luta por ai o distrito de Divinópolis entra na justiça comum e a gente começa a lutar nós barramos a água aqui um dia todos os agricultores juntos barramos a água de Divinópolis e com isso fomos pra justiça e ai fomos intimados e ai veio Policia pra prender o presidente que na época era Paulo e ai houve uma grande luta, mas ai quando chegou aqui a policia pra pegar Paulo a comunidade estava reunida e dizendo que não levaria ele sozinho só levaria ele se fosse acompanhado de todos os outros que estavam aqui então tinha mais de 30 homens com mulheres, crianças e tudo mais e ai eles desistiram criou uma comissão e no outro dia foi pro fórum lá começou a briga judicial pela água nós tinha agua todos os dias pro distrito de Divinópolis após essa briga na justiça nós conseguimos água dia sim e dia não e também com horário estipulado a 10 horas .

B) Entrevista com assentados A e B

Entrevistado A: masculino e 60 anos

Entrevistado B: masculino e 54 anos

- Antes do assentamento onde vivia/trabalhava?

A: Vivia no sitio santo Antônio, nasci e mim criei nesse lugar morava com meus pais e trabalhava na roça, sai daqui pra trabalhar na fábrica dos Pires,na algodoeira.

B: antes de morar aqui já morei no Zé Dias e quando mim casei vim morar aqui no sitio meu sogro era vaqueiro da fazenda e foi assim que virei vaqueiro também fiquei 18 anos ,aqui tinha muitos animais, tirava o leite, capim na forrageira era uma luta só e ainda ligava o motor pra água ir pro Divinópolis, hoje trabalho menos ,faço as coisas no dia que eu quero.

- Como é a vida no assentamento? Quais as atividades desenvolvidas?

A: A vida no assentamento se baseia na lida com a roça e quando não tem inverno trabalho em construção civil, todo dia vou pra rua sou servente de pedreiro e como num chove eu trabalho lá.

B: A vida aqui é simples mais é boa a gente trabalha muito e assim consegue se sustentar fazendo uns bicos e alugando pasto, criando os nossos bichos, hoje tenho liberdade para criar meus porquin e minhas galinha, fazer na época de seca minha vazante.

- A vida está melhor hoje comparada com a vida de antes do PA?

A: está melhor e muito e antes de assentamento nós era muito humilhado pelo gerente da terra.

B:Está sim pois agora nois trabalha pra gente e não pros outros como fazia antes, não só pra mi mas pra todos ,a mudança foi grande, no começo a gente ficou sem saber direito como ia ficar as coisas ,a terra ia ser do banco ,mas quando o Incra chegou e explicou que nós podia ficar aqui ,foi bom demais.

- As famílias têm acesso à saúde, educação, trabalho, alimentação, crédito, etc.?

A: tivemos todos os direitos garantidos e ainda se quiser fazer empréstimo nois faiz.

B: Sim temos médicos, ônibus que leva as crianças pra escola, e terra pra trabalhar quando entremos no projeto fizemos empréstimo e ainda temos chance quando têm crédito pros projeto. Depois do assentamento tudo melhorou só não podemos vender, tive um moi de gado bom antes não podia criar nenhum animal na terra dos outros.

As reuniões ficam sempre no ultimo sábado de todos os meses, discute os problemas referentes à associação, para todos, como eu trabalho só vou um mês e outro não, posso passar mais de três meses sem ir porque acaba saindo da associação, segundo o estatuto, também paga em dia à quantia pedida.

Recebi o beneficio de Katia para a criação de bodes, projeto do INCRA fiquei feliz em comprar 8 fêmeas e 1 macho, o projeto foi ótimo, o governo fez de um tudo para ajudar a gente, de bode passei a ovelhas e de ovelhas a gado, tirando ração do beijo do açude, tudo para sustentar a família, criei muita galinha tenho hoje em média no assentamento 80 galinhas e uns 9 porcos para o abate ,para o sustento, quando preciso de dinheiro eu mato e vendo.

Nilbertson e Lucia faz de tudo para ajudar a comunidade, vou para as reuniões para saber o que passa na associação.

Montamos um banco de semente como um banco de reprodução, quando um assentado precisava de semente era só ir buscar, todos os anos trocavam do velho para o novo, antigamente tinha o programa das abelhas hoje não têm mais.

Créditos para reforma das casas, programa de criação de galinhas, mas não foi para todos nem o critério de escolhas.

- Quais são os maiores problemas enfrentados pelas famílias atualmente?

A: A falta de água, pois o açude secou e a gente sofre com isso, foi um trabalho grande com os animais pra eles não morrer.

B: O açude secou e por isso hoje nós dependemos da água das cisternas que o governo manda encher, isso acaba gerando um conflito.

- O assentamento possui assistência técnica durante todo o ano sem interrupção?

A: Possui sim e temos a visita dos técnicos responsáveis operações da CAASP e CPT, que estão sempre ajudando a gente.

B:Têm sim tem da CAASP e do INCRA que as vezes manda um os técnicos quando a gente precisa,eu mesmo já precisei de um veterinário e mandaram pra olhar os porcos.

- Como você avalia o trabalho da empresa de ATES?

A: Nunca mais vieram e nois nem conhece técnicos como agrônomo.

B:Nem sei o que é isso.

- Como é organizado o assentamento? Misto, individualizado ou coletivo?

A: Tudo coletivo.

B:Acho que coletivo. Coletivo, pois nos estamos misturados e tudo é dividido. Coletivo tudo é do coletivo quando termina a reunião as discursões ficam lá e todo mundo é amigo, somos uma grande família,todos se conhecem.

- Como é o processo de gestão do assentamento? Existem Associação? Diretoria? Existem problemas entre as famílias no tocante a organização do Assentamento?

A: Existe de tudo e em todo canto têm problemas e a organização e as diferenças encontradas em todo canto.

B:Existe associação e o presidente é Nilberto e tem secretários e tesoureiros. Acho que em todo canto têm moído principalmente por ser duas agrovilas, Lúcia foi presidente e Paulo muitas vezes, ela sempre ganha porque sabe falar melhor e conhece o povo tudinho.

- Quem ou quais entidades/organizações apoia as famílias atualmente?

A:CAASP e ajuda e muito como trazendo as cisternas

B:O INCRA e os meninos da CAASP

- Como tem sido a atuação do Sindicato/MST/FetraPBL junto ao assentamento?

A: Bom quando a gente precisa e têm algum problema o diretor ajuda.

B:Acho que você fala do sindicato né,quando a gente precisa Rildo ajuda.

- Como você avalia o trabalho do INCRA no Assentamento?

A:Regular.

B:Boa.

- A comunidade já possui PDA?

A: Têm sim.

B:Acho que sim.

- Como você se vê enquanto parte integrante deste movimento?

A: Eu me sinto bem como parte de um movimento que trouxe melhoria pra todos.

B:Eu fico feliz, pois estou aqui desde sempre e as mudanças foram boas em vista do que a gente tinha que era nada.

- Possui algum desejo de deixar o Assentamento?

A: Não.

B:Não.

- O Assentamento trouxe mudanças para sua vida?Se sim quais?

B: Trouxe muitas mudanças deixamos de ser empregados e agora trabalhamos pra gente sustentar nossa família a humilhação ficou no passado, todos temos os lotes, mas maioria dos assentados mora na vila e não nos lotes, tudo é do coletivo por isso, tudo vai pra reunião, quando termina a reunião as discursões ficam lá e todo mundo é amigo, somos uma grande família, todos se conhece,eu mesmo moro lá a mais de 30 anos, não temos inimigos.

C) Entrevista com assentada C

Idade: 68

Sexo: feminino

- Antes do assentamento onde vivia/trabalhava?

C: Antes do assentamento eu vivia no sítio. Faz 68 anos que moro nesse sítio.

- Como é a vida no assentamento? Quais as atividades desenvolvidas?

C: Pra mim o assentamento é bem melhor do que quando era a fazenda, mas existe uma desunião, um preconceito, porque quando vem projeto há uma exclusão.

- A vida está melhor hoje comparada com a vida de antes do PA?

C: A vida está melhor pra uns e outros não, pra uns e outros não, nem todos participam, tem sempre um mesmo grupo, então, por exemplo, quando vem os projetos ficam sempre pras panelinhas.

- As famílias têm acesso a saúde, educação, trabalho, alimentação, crédito, etc.?

C: Têm sim, porque o médico vêm todo mês.

- Quais são os maiores problemas enfrentados pelas famílias atualmente?

C: Uns querer ser mais que os outros.

- O assentamento possui assistência técnica durante todo o ano sem interrupção?

C: Possui.

- Como você avalia o trabalho da empresa de ATER?

C: Vem de vez em quando.

- Como é organizado o assentamento? Misto, individualizado ou coletivo?

C: Coletivo.

- Quem ou quais entidades/organizações apoia as famílias Como é o processo de gestão do assentamento? Existe Associação? Diretoria?

C: Sim.

- Existem problemas entre as famílias no Assentamento atualmente?

C: Existe sim e muito.

- Como tem sido a atuação do Sindicato/MST/Fetraece junto ao assentamento?

C: Bem.

- Como você avalia o trabalho do INCRA no Assentamento?

C:Regular.

- A comunidade já possui PDA?

C: Não, se têm eu não sei não.

- Como você se vê enquanto parte integrante desse movimento?

C: Sou tão por fora dessas coisas tão por fora das coisas.

- Possui algum desejo de deixar o assentamento?

C: E como.

- O assentamento trouxe mudanças para sua vida? Se sim quais?

C: Houve mais pra pior porque antes cada um sabia do seu lugar agora uns quer mandar mais que os outros, se vem projeto só fica pros mesmos, aí exclui os outros.

D) Relato de Graça

Lutava com o gado era aquela vida miocre nos não tinha conhecimento de nada. Mas quando isso começou o movimento pra virar assentamento de tudo a gente fez um pouco nos isvadi fechar BR, isvadir o incra, tudo isso nos participemo, só quem sabe isso e o que é isso foi e que fez parar transito em br, isvadir o incra... eu sei que teve também quebra quebra, onde tem 5 e 10 mil pessoas tem rebuliço, mas a gente se sente gente e sente irmão um do outro, muita gente não entende o que é isso não. Cansei de ir pra reunião na CPT em encontro com 400 e 500 pessoas, tu tem imaginação o que é 27 assentamentos juntos e cada assentamento 10, 15 pessoas? Você se juntar Coxos, Frei Damião, Santo Antônio, e Mãe Rainha, Acauã, Juazeiro, Triunfo, Frei Beda... é porque eu esqueço os outros assentamentos que tem de Patos, Pombal, Conceição de Piancó, juntar o que é de assentamento tudo caba chegar na CPT e assim e passar 3 dias que nem nós. Chegava lá na sexta feira, o sabo e o domingo depois do almoço e que nois ia embora... juntar 500, 600 pessoas juntas, nós merendava, almoçava, jantava, durmia, tumava banho, você sente em casa... ainda hoje pode achar ruim quem quiser quando eu piso o pé na CPT é o que pra mim é a associação dos assentamentos, porque a CAASP ela é realmente é, eu me sinto em casa... você não, porque nunca participava, mas quem participou sentiu... lá eu fico vendo e sinto a CPT como eu fico aqui cozinha, banheiro, quarto, faz como o ditado é a casa dos assentamentos mermo de verdade e a CPT a CAASP, associação dos assentamentos, ela foi criada pra ter nois tem associação em cada assentamento tem sua associação mas cada associação pra resolver os problemas vai pra CAASP, porque lá é o pivô das associação, o que não pode resolver aqui, a CAASP procura resolver, mas que na época que isso aqui virou assentamento era tudo que respondia era a CPT ai quando foi criada a central dos assentamentos que chama a CAASP chama central de assentamento porque tinha que ter uma base dos assentamentos porque é muitos assentamentos e quando tinha só 3,4,5, 8 tudo bem mas hoje têm é 27 aqui dependendo da CAASP... muita gente não entende não mais você imaginar sair daqui pra Pombal, daqui pra Patos, Campina, João Pessoa, Bananeiras, Lagoa Seca, que nem eu fui... Bahia, você viajar no mei do mundo pra que pra vê experiência, pra você sentir nas mãos as experiência do povo... nois acha que a vida aqui é ruim, eu já andei num assentamento que não tinha um pedaço de terra num metro

apoiado, só era grota e lá o povo produzia porque aonde a gente nasce lá têm raiz e o povo tem vontade de viver, tem dificuldade, ah mais fulano têm isso... mas o povo tem mais porque trabalha, tem dificuldade o povo mesmo critica essa farmácia a num vai pra frente e num vai porque o povo é que num quer uma farmácia da estrutura daqui tá aí essa hoje se as família tivesse mais consciência desce mais valor um pouquinho isso era uma farmácia modelo, cansei de entrar aí só eu e Edval, mais de mês, só eu e Edval se nos aguarde era aguarde se não não era aguarde mais é porque às vezes as pessoas nem que por boa vontade a boa vontade que faz a pessoa ir a luta.....mas tem gente que num entende isso por mais que às vezes viva conviva no meio do povo, estude e não tem aquele entendimento.

Antes do assentamento eu já morava aqui e trabalhava com roça, a vida de assentamento não sei pras outras pessoas mas pra mim é melhor que antes, hoje a vida é melhor porque você não é mais morador mas dono de seu próprio nariz, tem assistência durante todo ano tem contrato com os técnicos, os problemas são resolvidos todos no mês na reunião, a CAASP a CPT quem primeiro deu a 1 assistência, no início do assentamento o Incra não dá muita credibilidade pois já alcançamos os 18 anos de assentamento, privilegiada por fazer parte desse movimento foi a melhor coisa que mim aconteceu eu vi com o assentamento que nós pobre tem o seu valor de não ser inferior mais aqui dentro todos somos iguais com mesmos direitos diferente de quando a gente era morador sempre os outros eram primeiro, o lugar que eu chego e mim sinto bem porque aqui é o meu lugar mim sinto segura aqui.....meu aconchego...a luta foi grande dor, decepção, mas vivia tudo de novo, ser igual ninguém é diferente todos somos iguais. Seu direito, sua moradia, o vento batendo mim sinto liberdade, dou muito valor ao assentamento ser firme e forte na luta. Sou muito feliz aqui dentro. Vivo na minha casa, não dou satisfação a ninguém, a farmácia viva mim ensinou muita coisa, a mais mim experiência eu digo de coração sei que muita gente mim ignora eu sinto saudades dos encontros, das viagens, que ganhava experiência lá fora o assentamento mim trouxe de tudo um pouco deu muitas alegrias.

E) Relato de Nilbertson

Eu sou coordenador do assentamento hoje na função de coordenação pra mim foi um grande desafio não foi fácil sempre meu pai já foi coordenador do assentamento e ele sempre falava pra mim Nilbertson você vai enfrentar uma grande dificuldade porque não é fácil assim lidar com tantas cabeças diferentes e pensamentos diferentes porque a gente trabalha o coletivo nós temos todo o 2 sábado do mês a reunião onde junta todos os associados na reunião e assentados e filhos de assentados tudo que se acontece dentro do assentamento que seja pra beneficiar ou tomar alguma decisão é em coletivo todo mundo reunido.

A questão do INCRA hoje eu avalio que falta muita coisa deixa a desejar em muitos pontos por quê? Como um INCRA é um órgão que acompanha e fiscaliza as áreas de assentamentos de reforma agrária deveria ter um olhar mais amplo nas áreas de assentamentos, hoje se você for aqui em Valdecir Santiago que fica próximo a Santo Antônio nós não temos estradas, é um problema do poder público também mais a gente já cansou de enviar ofício pedir pelos rádios ou meio de comunicação nós não temos nenhum resultado e o Incra também deveria olhar pra essas questões onde falta ônibus pra ir buscar lá porque as estradas de acesso terrível deveria ser vista também pelo INCRA e eles são informados de tudo isso.

Trazer mais projetos para as mulheres desenvolver dentro dos assentamentos pra que elas pudessem ter a sua própria autonomia, falta tudo isso dentro do assentamento nós não temos um cem por cento de vida boa dentro do assentamento claro que temos as negatividades, nossos problemas e a gente não sabe a quem recorrer está aqui esperando que Deus olhe pela gente e eles também que possam achar uma solução para resolver todos esses problemas.

A questão da assistência técnica dos assentamentos foi uma maravilha isso foi 100 por cento de maravilhoso porque as famílias são acompanhadas anualmente, todos os dias ela recebe a presença de profissionais de todas as áreas de todas as profissões onde assistência técnica pelo técnico agrícola, engenheiro agrônomo, pela assistente social, engenheiro florestal, veterinário, ela está sempre assistida de alguma forma. Isso faz com que as famílias como é que diz se sintam mais no seu habitat porque elas estão

sendo assistidas estão orientadas pra trabalhar pra criar os animais isso tem efeito maravilhoso na nossa comunidade, dias melhores virão...

As casas foi padronizadas pelo INCRA eu particularmente morei lá desde o início, formamos a vila, que é formado por vila e a gente foi morar o que eu tenho a dizer como a gente vive hoje no assentamento é que muito bem, hoje todas as famílias que vivem lá ganharam sua própria autonomia elas não mais moram de morador ou seja elas não são sujeitas ,mandadas ou trabalho escravo elas ganharam autonomia tanto os homens quanto as mulheres ou jovens e também a nossa comunidade o nosso assentamento como eu diria trabalhos que as famílias desenvolvem e geram renda nas próprias famílias como trabalhos artesanais ,nós temos corte e costura ,temos culinária, cabelereiros outras profissões que as famílias trabalham e tiram seu próprio sustento sem precisar trabalhar fora também temos a nossa agricultura com hortaliças orgânicas, fruticultura, entre outras.

Falamos muito do lado positivo do assentamento nós também temos o lado negativo que são bastante também, não são poucos e nem fáceis nós temos muito a questão de entraves pela questão burocrática do próprio banco na questão de financiamento dos projetos onde as famílias onde a gente faz todo um processo e quando chega no banco aquela ,aquele projeto ele tem um entrave ele fica travado e família fica impossibilitada de acessar por algum motivo isso tem dificultado muito o trabalho da ATES (assistência técnica dentro das áreas de assentamento de reforma agrária, outa questão bastante preocupante também nos assentamentos principalmente na nossa juventude é a questão da droga, isso tem gerado grandes conflitos, com grandes problemas as famílias ficam a mercê da droga isso gerando muitos problemas nas áreas de assistência técnica, com a assistente social que desenvolve um trabalho com essas famílias dentro do assentamento mais só isso não resolve porque a gente precisa de mais ajuda do governo de entidades parceiras de pessoas que venham a somar com a gente porque precisamos sair desse problema que é muito grave que não afeta só o assentamento é toda zona rural e cidade.

Nós temos a questão dos assaltos e roubo porque gente eu avalio dessa maneira falta de oportunidade que os jovens muitas vezes não têm você veja que hoje o primeiro emprego é muito difícil o jovem arrumar um trabalho porque não tem experiência do primeiro emprego e isso tem dificultado muito nossos jovens do assentamento, a

questão da leitura do estudo que muitos deixam o estudo de lado, pois precisam se virar e eles optam pelo mais fácil o trabalho, tudo isso tem complicado muito a vida dos gestores do assentamento...